

AVENTURAS NA

HISTÓRIA



Coisas que não sabemos DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MUITO DO QUE É NARRADO SOBRE A SEGUNDA GUERRA
ESTÁ NOS FILMES, NA MAIORIA DOS LIVROS, NOS
SERIADOS E O QUE NOS CONTARAM OS MAIS VELHOS. MAS ISSO
AINDA É POUCO PARA TUDO O QUE ACONTECEU

INDEPENDÊNCIA OU MORTE:
O QUE É VERDADE — OU NÃO —
NO QUADRO DE PEDRO AMÉRICO

WALFRID DE MORAES:
OS RELATOS DE UM PRACINHA
DA SEGUNDA GUERRA

GOLPE NO CHILE: O
11 DE SETEMBRO PARA NÃO
SER ESQUECIDO JAMAIS



PRESIDENTE
Luis Fernando Maluf

DIRETOR EDITORIAL:
Ademir Corrêa

AVENTURAS NA HISTÓRIA

EDIÇÃO:
Fabio Previdelli

EDIÇÃO DE ARTE:
Marli Miler

REVISÃO:
Hellen Ribeiro



COISAS QUE NÃO SABEMOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

**MUITO DO QUE É NARRADO SOBRE A SEGUNDA GUERRA
ESTÁ NOS FILMES, NA MAIORIA DOS LIVROS, NOS SERIADOS
E O QUE NOS CONTARAM OS MAIS VELHOS. MAS ISSO AINDA
É POUCO PARA TUDO O QUE ACONTECEU**

EDIÇÃO 267

**SÃO PAULO
EDITORA PERFIL
2025**

UM NOVO OLHAR DA SEGUNDA GUERRA

Maior conflito bélico da história, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi incansavelmente debatida em livros, produções hollywoodianas e nos relatos de quem viveu, sobreviveu e ainda hoje é prova viva do período; como o caso do pracinha Walfrid de Moraes, de 104 anos, que foi entrevistado pela equipe da AVENTURAS NA HISTÓRIA nesta edição. Mas, apesar de sua ampla cobertura, isso ainda é muito pouco para tudo o que aconteceu. Neste mês em que celebramos os 80 anos do fim da Segunda Guerra, Edgardo Martolio nos ajuda a entender a magnitude do conflito, apresentando um novo olhar sobre o tema. Muito além da ‘simplicidade’ de Aliados x Eixo, conheça Kokura, o principal alvo norte-americano antes de Hiroshima e Nagasaki; a ‘terra prometida’ dos nazistas e até mesmo como Natal (RN) teve um cres-

cimento por conta das tropas americanas.

Também fazemos uma viagem nas teorias que ainda cercam a morte do rapper Tupac Shakur, mesmo após quase três décadas de seu assassinato; discutimos os fatos — e mentiras — por trás do icônico quadro *Independência ou Morte*, de Pedro Américo; e mergulhamos nos bastidores de *Pânico*, a franquia que redefiniu o terror moderno.

Aproveito para convidar os leitores a darem boas-vindas à nossa nova colunista, a dra. Roselle Soglio, advogada criminalista e especialista em perícias criminais, que apresentará visões inéditas sobre alguns casos que chocaram a sociedade brasileira e também trará curiosidades de sua profissão.

Boa leitura!

Fabio Previdelli
Editor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coisas que não sabemos da Segunda Guerra Mundial /
[Aventuras na História]. -- São Paulo :
Perfil Brasil Comunicações, 2025.

ISBN 978-65-80901-71-5

1. História universal.

25-298960.0

CDD-909

Índices para catálogo sistemático:

1. História universal 909



CAPA: COISAS QUE NÃO SABEMOS SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O CONFLITO MUITO ALÉM DOS LIVROS, FILMES E DO QUE OS MAIS VELHOS NOS CONTAM

06 ARTE
Tarsila do Amaral,
a protagonista do
modernismo no Brasil

08 PARA ASSISTIR
*A Mulher da Casa
Abandonada:*
do podcast para
o documentário

**12 HOJE NA
HISTÓRIA**
*Independência
ou Morte: A verdade
por trás do quadro*

16 ARQUEOLOGIA
O mistério da
cidade submersa
de Cuba

**46 PROF. VÍTOR
SOARES
EXPLICA**
Golpe no Chile:
O outro 11
de setembro

58 MEMÓRIA
Juscelino
Kubitschek,
o pai de Brasília

18 TEORIAS
Os mistérios que ainda envolvem a
morte de Tupac Shakur após 29 anos

24 ENTREVISTA
Walfrid de Moraes: as memórias
de um pracinha da Segunda Guerra

50 LITERATURA
Pânico: O Legado do Grito
Os bastidores da franquia que
redefiniu o terror moderno

**54 COLUNA DRA.
ROSELLE SOGLIO**
A HISTÓRIA
DA POLÍCIA

**56 COLUNA
RICARDO LOBATO**
A BOMBA, A
GUERRA-FRIA
E O PRESENTE



NO PODCAST SEMANAL DA AVENTURAS NA HISTÓRIA VOCÊ
ACOMPANHA OS PRINCIPAIS ASSUNTOS SOBRE A HISTÓRIA DO
MUNDO E DO BRASIL AO LONGO DOS SÉCULOS. AVENTURE-SE!



TARSILA DO AMARAL



**A ICÔNICA PINTORA
QUE PROTAGONIZOU A ARTE
MODERNISTA NO BRASIL**

POR GIOVANNA GOMES

Tarsila do Amaral, uma das mais renomadas pintoras brasileiras, foi protagonista do modernismo no país e referência internacional na arte do século XX. Conhecida pelo uso de cores vibrantes e temas nacionais, a artista nascida em 1º de setembro de 1886, em Capivari, interior de São Paulo, deixou um legado que transformaria a identidade cultural do Brasil.

Filha do fazendeiro José Estanislau do Amaral e de Lydia Dias de Aguiar do Amaral, Tarsila estudou no Colégio Sion, em São Paulo, antes de se mudar para Barcelona, onde pintou sua primeira tela, que recebeu o título de *Sagrado Coração de Jesus* (1904). Ao voltar, casou-se com André Teixeira Pinto e teve a filha, Dulce. A união, porém, terminaria alguns anos depois. Foi então que veio a decisão de dedicar-se às artes.

CONTATO COM ARTISTAS

Durante seus estudos, a pintora conheceu figuras ilustres do meio artístico. Em 1918, deu início aos seus estudos com escultura e desenho no ateliê de Pedro Alexandrino, onde conheceu Anita Malfatti. Dois anos depois, partiu para Paris, onde frequentou a Académie Julian e o ateliê de Émile Renard. De volta ao Brasil, em 1922, por ocasião da Semana de Arte Moderna, foi apresentada pela amiga Anita a Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti Del Picchia. Estava, portanto, formado o célebre “Grupo dos Cinco”.

Em pouco tempo, Tarsila e Oswald iniciariam um relacionamento romântico. Os dois se encontravam em Paris quando, em 1923, a pintora conheceu o poeta Blaise Cendrars, que abriu-lhe portas para a vanguarda artística fran-

cesa. Foi discípula de Fernand Léger, Lhote e Gleizes, absorvendo as lições do cubismo. Sua tela *A Negra* encantou Léger e marcou sua entrada na história da arte moderna brasileira.

Inspirada pelas cores que redescobriu em Minas Gerais, Tarsila desenvolveu a fase “Pau-Brasil”, marcada por obras como *Carnaval em Madureira* e *Morro da Favela*. Em 1928, criou *Abaporu* como presente de aniversário a Oswald, dando origem ao Manifesto Antropofágico e ao movimento que buscava transformar a cultura europeia em algo autenticamente brasileiro.

PERÍODO DE MUDANÇAS

Após a crise de 1929 e a separação de Oswald, Tarsila viveu um período de mudanças. Aproximou-se do comunismo durante seu relacionamento com o médico Osório Cesar, viajou a Moscou e, de volta ao Brasil, foi presa por um mês devido a ligações com o Partido Comunista. Daí nasceu sua fase social, com telas emblemáticas como *Operários* (1933). Mais tarde, retomou temas ligados ao “Pau-Brasil”, conciliando o popular e o moderno.

Ao longo da vida, a artista expôs em Paris, Moscou, Veneza e nas Bienais de São Paulo, consolidando-se como a maior pintora modernista brasileira. Embora tenha sofrido perdas dolorosas, como a morte da filha, Dulce, em 1966, e da neta, Beatriz, em 1949, seguiu ativa até os últimos anos. Ela faleceu em janeiro de 1973, deixando um legado único. Com suas cores vibrantes, figuras simbólicas e olhar inovador, cumpriu o que dizia ser seu desejo maior: “ser a pintora do Brasil”.

→ *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, 1928. A obra é considerada um marco do modernismo brasileiro e inspirou o Movimento Antropofágico.



A MULHER DA CASA ABANDONADA

CASO QUE CHOCOU O BRASIL
GANHA RELATOS INÉDITOS EM SÉRIE
DO PRIME VIDEO

POR FABIO PREVIDELLI





A Casa Abandonada,
no bairro de Higienópolis,
em São Paulo

Em 2022, o podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, do jornalista Chico Felitti (e publicado pela *Folha de S. Paulo*), ganhou atenção nacional ao expor o caso de uma empregada doméstica que viveu em condições análogas à escravidão nos Estados Unidos após ter sido levada do Brasil pelo casal Margarida e Renê Bonetti.

Tudo começou quando Chico passou a buscar mais informações sobre um casarão abandonado em Higienópolis, um dos bairros mais ricos de São Paulo. Vizinho do local, Felitti descobriu que a mansão em pandarecos era residido por uma mulher procurada pelo FBI. Depois da repercussão estrondosa do podcast, *A Mulher da Casa Abandonada* foi transformado em documentário, que recentemente estreou no Prime Video (o serviço de *streaming* da Amazon).

“Eu acho que a série cobre muito bem qualquer coisa que pudesse faltar. Porque o podcast era uma coisa meio de busca. Era eu buscando uma história que eu não sabia. Então venha descobrindo comigo. A série, não. A série tem um peso de fato, um peso de entrevista. Tem a participação da Hilda, que é o

outro lado dessa história, que foi vítima desse crime, que não deixa nada a ser dito. A série diz tudo o que precisava ser dito”, diz Chico em conversa com a equipe da AVENTURAS; que também contou com a participação da roteirista Mariana Paiva e da diretora e produtora-executiva Kátia Lund.

“Na sala de roteiro, o desafio era tentar encontrar fatos novos e a equipe de pesquisa foi fundamental para isso. Tinha pesquisadores no Brasil, nos Estados Unidos. E a presença da Hilda, que trouxe um outro lado que o podcast não tinha ainda. A gente tinha autorização dela para contar a história, mas não havia nenhum relato dela e conseguimos trazer isso. Então, acho que não é nem adaptação, é a continuidade do *A Mulher da Casa Abandonada*”, corrobora Paiva.

HILDA E OS BONETTI

A história começa em meados da década de 1970, quando Margarida e Renê se casam. Pouco depois, como o marido foi contratado por uma empresa que faz foguetes e satélites pela NASA, eles acabam se mudando para os Estados Unidos, em Montgomery Village, Maryland. Dos pais de Margarida, o casal ganha como “presente” a empregada do-



Margarida Bonetti
ainda jovem



A empregada
doméstica Hilda
Rosa dos Santos
foi levada por
Margarida e o
marido para os
EUA, em 1970



Casa nos EUA dos Bonetti, onde Hilda morava no porão

méstica Hilda Rosa dos Santos — brasileira, negra e analfabeta — para servi-los no novo endereço.

Em *A Mulher da Casa Abandonada*, do Prime Video, Hilda fala que, quando chegou com os Bonetti aos Estados Unidos, foi muito bem tratada pela família. “A gente aí comia bem, dormia bem e tava tudo calmo, tudo sossegado e tudo mais.” Por serem muito religiosos, a família passou a frequentar uma igreja local e até mesmo levaram a doméstica para ser batizada. “Logo quando eu cheguei aqui, eles procuraram onde eu poderia me batizar.” Mas não demorou muito para que os Bonetti se desentendessem com o grupo de religiosos. Renê e Margarida também eram muito reservados e pouco comunicativos — além de esconderem um grande segredo: Hilda era escravizada pela família.

AGRESSÕES E NEGLIGÊNCIAS

Conforme narrado na série, na casa dos Estados Unidos, a doméstica passou a viver no porão do local. O espaço não tinha mobílias e muitas vezes a empregada teve que dormir no chão. Hilda também sofreu com trabalhos intermináveis e exaustivos (muitos deles braçais), exploração, agressões físicas e verbais, além de enfrentar diversos problemas de saúde que foram negligenciados pela família — como o surgimento de um tumor em seu abdômen; só tratado após ela receber ajuda de vizinhos.

“Acho que o exemplo da Hilda, de contar essa história, é para que outros casos sejam denunciados e também para que não aconteçam — para que a gente tenha uma reflexão enquanto sociedade mesmo, sobre trabalho análogo à escravidão, que a gente nem deveria ter que refletir sobre uma coisa tão brutal. Mas a gente tem que refletir”, discorre Paiva.

O DESTINO DOS PERSONAGENS

Eventualmente, a situação de Hilda foi denunciada às autoridades norte-americanas. A acusação contra a família foi feita no verão de 1999. Com o caso em andamento, Margarida Bonetti deixou os Estados Unidos e voltou para o Brasil antes de ser julgada. Ela jamais respondeu pelas acusações e ainda hoje é considerada uma



Hilda, após o julgamento, teve o direito a um visto de permanência nos Estados Unidos; onde vive até os dias atuais

foragida pelo FBI. No Brasil, o inquérito policial que foi movido contra ela acabou arquivado em 2005 e o crime pelo qual ela foi investigada já prescreveu. Margarida permanece vivendo na Casa Abandonada em Higienópolis.

Renê Bonetti, por sua vez, foi condenado no país a seis anos e meio de prisão e ao pagamento de US\$ 110 mil, aproximadamente R\$ 600 mil na cotação atual, em indenização. Ele foi solto em 2005 e segue vivendo nos Estados Unidos. Em entrevista posterior, ele isentou Margarida de qualquer responsabilidade sobre o caso.

Enquanto isso, Hilda, após o julgamento, teve o direito a um visto de permanência nos Estados Unidos; onde vive até os dias atuais. “A Hilda quer muito voltar para o Brasil. A coisa que ela mais queria e que ela sente mais falta é do Brasil. Aliás, ela fala das frutas daqui, dos sabores, da cor da terra, do cheiro, do carnaval, das músicas”, diz Lund à nossa equipe. “A Hilda canta muito. Ela pinta com as cores do Brasil. Ela tem muita saudade do Brasil, mas ela tem medo de voltar. E ela teve medo esse tempo todo, depois do julgamento. Então, não é que ela não quer voltar. Ela achava que não daria para voltar e se sentir segura aqui”, finaliza.

AM



INDEPENDÊNCIA OU MORTE

O QUADRO DE
PEDRO AMÉRICO
É FIEL AOS FATOS?
POR THIAGO LINCOLINS



Independência ou Morte, por Pedro Américo, óleo sobre tela, 1888

Uma das mais fascinantes atrações do Museu do Ipiranga, em São Paulo, é a imponente tela *Independência ou Morte*, pintada pelo paraibano Pedro Américo. A obra, de 415 cm × 760 cm, é considerada a representação mais consagrada e difundida de um dos momentos mais importantes da história do Brasil: o dia em que d. Pedro I, filho do rei d. João VI, declarou a independência do Brasil às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo, em 7 de setembro de 1822. O nome do quadro vem da exclamação de d. Pedro I: “É tempo! Independência ou Morte! Estamos separados de Portugal!”.

dência ou Morte! Estamos separados de Portugal!”.

Quatro anos após o ato, o conselheiro imperial Joaquim Inácio Ramalho (que atuava como presidente da Comissão do Monumento do Ipiranga) assinou um contrato com Pedro Américo. No documento, o artista se comprometia a pintar, dentro de um período de três anos, um “quadro histórico comemorativo da proclamação da independência pelo príncipe regente d. Pedro nos campos do Ypiranga”.

Para isso, porém, Américo fez uma minuciosa pesquisa sobre o movimento da Independência, ►



Leopoldina na sessão do Conselho de Estado, em 1822. Detalhe da tela de Georgina Moura Andrade de Albuquerque

PAULO REZZUTTI EVIDENCIA QUE ELEMENTOS DO QUADRO NÃO SE ENCAIXAM COM OS EVENTOS OCORRIDOS EM 1822: 'D. PEDRO I ESTAVA MONTADO NUM BURRO'.

para saber mais detalhes dos trajes usados na ocasião e outros pormenores. Mas será que a obra é fiel à realidade dos fatos?

PRESSÕES INTERNAS E EXTERNAS

“Tudo começou com a Revolução Liberal do Porto, em 1820, que acaba, basicamente, com o sistema absolutista de d. João VI. É instalada uma corte constitucional em Lisboa e ocorrem eleições, inclusive no Brasil, para mandar deputados para essa constituinte que será escrita. O problema é que eles queriam de volta o rei, mas ele deixa d. Pedro como príncipe regente, o que as cortes constitucionais não queriam”, contextualiza o escritor e pesquisador Paulo Rezzutti em entrevista à equipe da AVENTURAS.

Rezzutti conta que as cortes queriam o controle total, governando por meio de Portugal, sem que houvesse alguém exercendo o poder no Brasil separadamente. “Quando os deputados brasileiros chegam à constituinte de Lisboa, eles percebem que muitas coisas foram decididas para o Brasil sem ouvir o país antes. Uma das principais pressões para a independência vem dessa tentativa de Portugal de retomar o controle total sobre o Brasil, que já havia se transformado em reino”, relembra.

AS CONSEQUÊNCIAS DA INDEPENDÊNCIA

Paulo também resgata as consequências imediatas do episódio histórico. “Ocorreu uma espécie de aglutinação nacional em volta do imperador,

d. Pedro. O Brasil herdou logo de cara uma guerra, pois, o país já estava em guerra contra os portugueses na Bahia e, em outras regiões do Nordeste e Norte do Brasil. Uma das principais consequências imediatas do processo foi a guerra da independência, que é se livrar dos portugueses, o que só vai ser efetivamente finalizado em 1823.”

“É um processo que contou com a participação de muitas pessoas, inclusive, a própria imperatriz Leopoldina, antes disso ela já havia dado várias amostras de que queria ficar no Brasil, independentemente do que acontecesse. Ela é importante para o Dia do Fico, ocorrido em janeiro de 1822, durante todo o processo de independência, ela que chefiou o Conselho de Estado em 2 de setembro de 1822, que aconselha d. Pedro a romper definitivamente com Portugal. Ela é importante como José Bonifácio, Joaquim Gonçalves Ledo e Clemente Pereira”, prossegue.

Para marcar o episódio histórico, Pedro Américo criou o quadro, que hoje é alvo de análises que revelam sua discrepância com a realidade dos fatos. Paulo explica que existe uma confusão quando as pessoas discutem o trabalho de Pedro Américo e o que, de fato, aconteceu no dia que entrou para os livros de História.

“Falam muito que ‘o grito não aconteceu’, na verdade, o que não aconteceu foi o grito retratado por Pedro Américo no quadro, aquilo, realmente, não aconteceu”, explica o autor de *Independência – A História Não Contada*.

DIFERENÇAS

Rezzutti evidencia elementos do quadro que não se encaixam com os eventos ocorridos em 1822. “Você vê d. Pedro I em cima do cavalo, na verdade, ele estava montado num burro. [Naquela época] a subida da serra era feita com mulas, e não com um cavalo bonito como aquele”.

Paulo também explica que as vestimentas utilizadas por cavaleiros da Guarda de Honra do imperador não se encaixam com o que foi pintado por Pedro Américo. “Ele usava uma fardeta de oficial de polícia azul, até aí tudo bem. Mas, as vestimentas de todos aqueles cavaleiros da Guarda de Honra do imperador, que estão em volta de d. Pedro I à beira do Ipiranga, com os Dragões da Independência, não existia em 1822. (...) Aquilo é uma cena inventada”, analisa o pesquisador.

Rezzutti, no entanto, enfatiza que as modificações feitas pelo artista não anulam o que aconteceu naquele 7 de setembro de 1822. “Existiu o grito, houve, realmente, a cena onde ele fala ‘independência ou morte’. Isso foi registrado por pessoas que estavam com ele, assim que ele recebe as cartas, os despachos enviados da corte do Rio de Janeiro”, relembra o escritor. “Ele rompe com as cortes constitucionais portuguesas, por isso o ‘laços fora, soldado!’, que era o laço branco e azul da constituinte de Lisboa, das cortes portuguesas”.

O autor também resgata outro fato curioso sobre o dia da independência: d. Pedro I estava com problemas intestinais naquele dia e, como resultado, precisou interromper o trajeto de Santos até São Paulo em diferentes momentos para se aliviar. “Houve o grito, mas não daquela forma como a gente conhece por meio do que foi pintado por Pedro Américo”, finaliza o estudioso. **AH**



INDICAÇÃO DE LEITURA:
D. PEDRO I (VOL. 1 SÉRIE
A HISTÓRIA NÃO CONTADA)
GRUPO EDITORIAL RECORD

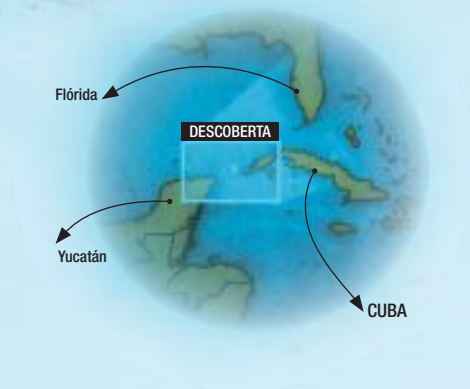


Imperador
dom Pedro I.
Pintura de Pedro
Américo, 1879

A MISTERIOSA CIDADE SUBMERSA DE CUBA

SUPOSTA METRÓPOLE
ENCONTRADA EM 2001, A 800 METROS
DE PROFUNDIDADE,
NUNCA FOI INVESTIGADA A FUNDO

POR FELIPE SALES GOMES E GIOVANNA GOMES



Em 2001, a engenheira marinha Paulina Zelitsky e seu marido, Paul Wein-zweig, ambos da empresa canadense Advanced Digital Communications (ADC) — uma das quatro companhias que atuavam em parceria com Cuba na exploração de naufrágios coloniais no entorno da província de Pinar del Río —, apresentaram uma descoberta extraordinária que pode abalar para sempre as bases da história humana: a possível existência de uma cidade submersa a cerca de 800 metros de profundidade, perto da Península de Guanahacabibes.

Durante a varredura de uma área submarina de 2 km² com equipamentos de sonar de última geração, a equipe detectou o que pareciam ser pirâmides, estruturas circulares e formações geométricas que, segundo os exploradores, lembravam os restos de uma antiga civilização. Especialistas especularam que as estruturas poderiam ter mais de 6 mil anos — o que as tornaria anteriores até mesmo às pirâmides do Egito.

“É uma estrutura realmente maravilhosa que parece ter sido um grande centro urbano”, declarou Zelitsky à época.

Em julho daquele ano, os pesquisadores retornaram ao local com o geólogo Manuel Iturralde, do Museu de História Natural de Cuba, desta vez munidos de um veículo operado remotamente (ROV) para registrar as formações.

As filmagens revelaram blocos semelhantes a granito, medindo cerca de 2,4 por 3 metros. Alguns estavam empilhados, como se tivessem sido organizados por mãos humanas; outros, isolados. “São estruturas extremamente peculiares e capturaram nossa imaginação”, afirmou Iturralde. “Mas se eu tivesse que explicar isso geologicamente, teria dificuldades.”

Segundo o geólogo, seriam necessários cerca de 50 mil anos para que tais estruturas afundassem até aquela profundidade. No entanto, há 50 mil anos, não há registro de qualquer cultura nas Américas com capacidade arquitetônica para erguer construções tão complexas.

CONTROVÉRSIA

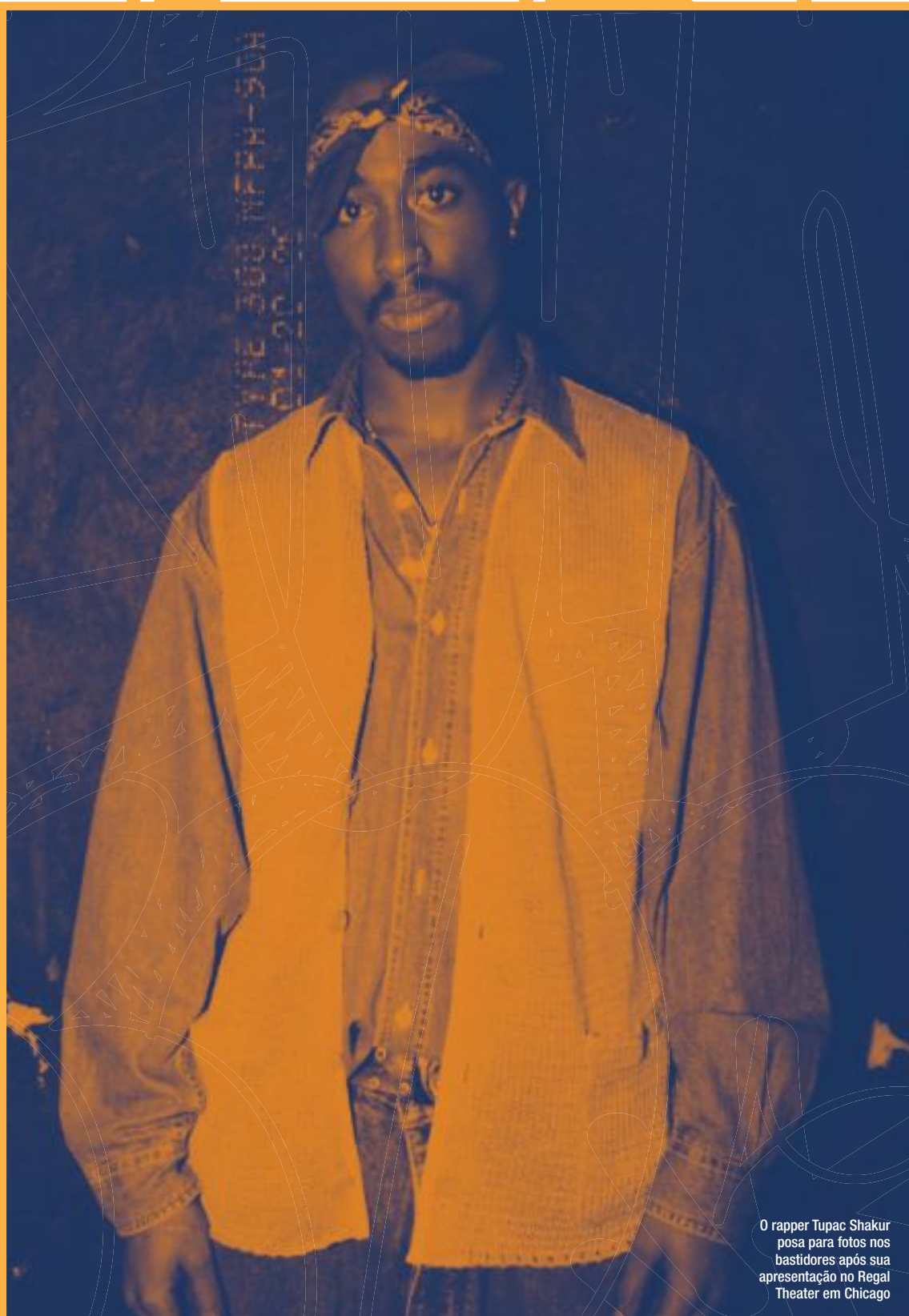
No entanto, o que poderia ter sido o início de uma revolução arqueológica foi rapidamente engavetado. Nenhuma expedição significativa retornou ao local nos últimos 25 anos, e as evidências coletadas permaneceram inconclusivas.

O ceticismo da comunidade científica foi um dos fatores que impediram avanços. “Seria totalmente irresponsável afirmar o que são aquelas estruturas sem provas concretas”, disse Zelitsky em entrevista à BBC em 2001. “É estranho, é bizarro; nunca vimos algo assim antes e não temos uma explicação”, corroborou Iturralde ao *Washington Post*. Apesar da cautela científica, os paralelos com a Atlântida surgiram quase instantaneamente. Curiosos e conspiracionistas passaram a discutir que o local poderia ser a lendária cidade perdida e alegam um possível acobertamento para esconder a existência de civilizações anteriores ao período glacial.

A teoria do silêncio também se apoia no contexto político. A empresa ADC realizou a expedição com autorização do governo de Fidel Castro, mas, desde então, o interesse institucional cubano se dissipou. Além disso, uma missão internacional prevista em 2002 foi cancelada por falta de financiamento, como revelou a oceanógrafa Sylvia Earle.

No entanto, Zelitzki e Wein-zweig evitaram essa associação. Segundo Zelitzki, a história da Atlântida é um mito. Para ela, o mais provável é que as estruturas sejam vestígios de uma antiga cultura local, possivelmente situada em uma antiga faixa de terra de cerca de 160 km que teria conectado a Península de Yucatán a Cuba.

Iturralde mencionou que lendas maias e yucatecas falam sobre uma ilha habitada por ancestrais que teria sido tragada pelo mar, o que, segundo ele, poderia se alinhar com a descoberta. Ainda assim, não descartou a possibilidade de que as formações sejam obra da própria natureza: “A natureza é capaz de criar algumas estruturas realmente inimagináveis.” O mistério ainda continua!



O rapper Tupac Shakur
posa para fotos nos
bastidores após sua
apresentação no Regal
Theater em Chicago

HÁ 29 ANOS, TUPAC ERA ASSASSINADO: ENTENDA O CRIME E AS TEORIAS POR TRÁS

UM DOS MAIORES NOMES QUE O RAP JÁ TEVE,
TUPAC AMARU SHAKUR FOI BALEADO NO
DIA 7 DE SETEMBRO DE 1996 EM LAS VEGAS; MAS
SUA MORTE SEGUE ENVOLTA EM TEORIAS

POR: ÉRIC MOREIRA

Mesmo após 29 anos, o mundo do rap continua lamentando, neste mês de setembro, a morte de um dos nomes que mais marcaram o gênero na década de 1990: Tupac Amaru Shakur, mais conhecido como 2Pac.

Nascido em 16 de junho de 1971, em East Harlem, Nova York, Tupac se tornaria uma das figuras mais influentes do hip-hop mundial. Crescido entre Baltimore, Oakland e a Califórnia, o artista começou a se destacar com suas letras intensas e conscientes, e é lembrado até hoje como uma das maiores estrelas e um dos maiores talentos que o rap já teve.

2Pac rapidamente conquistou fãs não apenas pela habilidade lírica, mas pela intensidade emocional de suas músicas, tornando-se símbolo de resistência e voz de uma geração que enfrentava desafios urbanos e raciais profundos.

A carreira de Tupac inegavelmente demonstra como ele era talentoso: ao todo, lançou 11 álbuns de platina (ou seja, que vendeu pelo menos 1 milhão de cópias) — quatro durante a carreira, e outros sete após sua morte —, sendo o primeiro álbum, “2Pacalypse Now”, de 1991. Entre os hits mais famosos do rapper, estão *California Love*, *Hit 'Em Up*, *All Eyez on Me* (mesmo nome do álbum que é considerado por

muitos como o melhor de sua carreira), *Ambitionz Az A Ridah* e *Changes*.

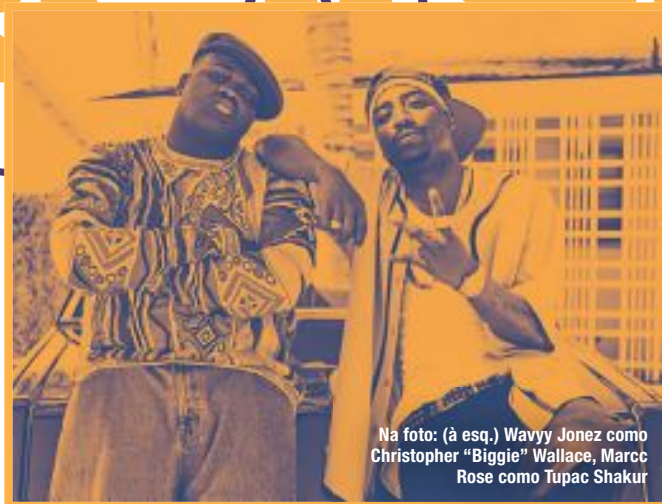
Apesar da grande fama que possui hoje e do enorme sucesso que representa, com produções em parceria de vários outros grandes nomes do hip-hop norte-americano, Tupac teve uma carreira bastante breve. Apenas cinco anos separaram seu álbum de estreia e sua morte, em setembro de 1996, aos 25 anos, dada em um contexto violento e que chocou o país na época, revelando mais inclusive sobre a dura realidade em que ele estava inserido.

O legado que o artista deixou para o rap é incontestável, sendo uma das maiores referências do gênero até hoje. Em suas letras, retratava temas extremamente relevantes para a sociedade, com críticas sociais à violência e marginalização nas periferias e na vivência como pessoa negra. Ele também foi quem popularizou o “THUG LIFE” a partir de 1993, ao fundar um grupo de rap ao lado de outros artistas que adotaram essa sigla como alcunha. Ela significa “The Hate U Give Little Infants Fucks Everybody”, que pode ser traduzido como “o ódio que você semeia para as crianças ferra todo mundo”.

Esse termo foi criado como uma forma de orgulho entre os moradores dos guetos negros dos Estados Unidos, e também era uma forma ►



Tupac Shakur e amigos no Club
USA, em Nova York, 1994



Na foto: (à esq.) Wavy Jonez como
Christopher "Biggie" Wallace, Marcc
Rose como Tupac Shakur

de evitar a propagação de violência, especialmente entre as crianças, o que o próprio rapper dizia que geraria uma “bola de neve” de violência. Isso basicamente instituiu “mandamentos” sobre o que poderia ser feito ou não nas comunidades, como assassinatos ou vendas de drogas — e realmente diminuiu drasticamente o número de mortes nas áreas violentas.

MORTE

No auge da carreira, Tupac fundou sua própria identidade artística dentro da gravadora Death Row Records, ao lado de Marion “Suge” Knight. Suas canções e persona pública mesclavam a consciência social com a cultura da rua, refletindo a complexidade de alguém que, apesar de não ser um criminoso, se envolvia em ambientes de gangues, cercado por violência e tensão.

Essa dualidade o tornaria uma figura pola-

rizadora, embora inegavelmente icônica. O próprio movimento “THUG LIFE” gerou incômodo no governo norte-americano, que via nele uma espécie de fundamentação de “mandamentos das gangues” — e, por isso, Tupac se denominava como uma “ameaça à sociedade”, referindo-se ao governo vigente, por conseguir apontar problemas sociais e obter apoio nas comunidades desfavorecidas, o que o governo não conseguia.

No entanto, no dia 7 de setembro de 1996, após assistir à luta de boxe entre Mike Tyson e Bruce Seldon no MGM Grand em Las Vegas, Tupac foi baleado em um ataque que mudaria para sempre a história do hip-hop. Ele estava no banco do passageiro de um BMW conduzido por Suge Knight quando um Cadillac branco “com dois ou três homens dentro” — recordou Suge Knight posteriormente — se aproximou, e abriram fogo. Tupac foi atingido por quatro tiros, incluindo no peito, e morreu seis dias depois, aos 25 anos, deixando fãs e críticos perplexos diante da violência que ceifou sua vida tão jovem.

A morte de Tupac Shakur não apenas chocou o mundo da música, mas gerou décadas de especulação sobre os responsáveis, rivalidades entre gangues e conspirações envolvendo o próprio universo do hip-hop. Ao longo do tempo, muitas teorias surgiram, algumas mais plausíveis, outras cercadas de mistério.

A MORTE DE TUPAC SAKHUR NÃO APENAS CHOCOU O MUNDO DA MÚSICA COMO GEROU DÉCADAS DE ESPECULAÇÃO SOBRE OS RESPONSÁVEIS

Tupac Shakur
e Marion Suge Knight



TEORIAS

Uma das teorias mais difundidas relaciona a morte de Tupac à rivalidade histórica entre as costas Oeste e Leste do rap. Tupac, associado aos Bloods e à Death Row Records, e Christopher Wallace — o igualmente lendário Notorious B.I.G., também conhecido por Biggie Smalls ou apenas Biggie —, ligado à Bad Boy Records e supostamente à gangue Crips, representavam lados opostos de um conflito que transcendeu a música, transformando-se em uma verdadeira guerra de gangues com repercussões mortais. Inclusive, apenas seis meses após o tiroteio de Tupac, B.I.G. também foi assassinado em Los Angeles, gerando especulações de vingança entre as facções. De maneira bastante parecida com Tupac, ele foi morto por quatro tiros disparados de um carro em movimento em Los Angeles, no dia 9 de março de 1997; quem foi apontado como atirador foi um membro da gangue Bloods, Wardell Fouse.

Alguns investigadores acreditam que Suge Knight poderia ter tido algum envolvimento, motivado por interesses financeiros e vingança pessoal. Apesar de acusações públicas, Knight sempre negou qualquer responsabilidade na história, tanto pelo assassinato de Tupac quanto pelo de Biggie. Outro nome bastante conhecido, que chamou grande atenção na mídia internacional no último ano, é o do rapper Sean John Combs, também conhecido pelo nome

artístico Diddy. Há teorias que alegam que foi ele quem supostamente pagou uma recompensa pelo assassinato de Tupac ou de Knight, devido à disputa entre a Death Row Records e a Bad Boy Records, da qual ele era parte.

Uma outra linha de especulação sugeriu que Tupac teria forjado sua própria morte para escapar de ameaças ou de problemas legais — uma teoria amplamente desacreditada, mas persistente na cultura popular, alimentada por avistamentos não confirmados e relatos contraditórios.

DUANE “KEFFE D” DAVIS

O papel de Orlando “Baby Lane” Anderson, sobrinho de Duane “Keffe D” Davis, é central nas investigações. Na noite do tiroteio, Tupac havia se envolvido em uma briga com Anderson no saguão do MGM Grand, motivada por uma suposta tentativa de roubo de um pingente de Death Row Records meses antes. E supostamente essa confusão teria desencadeado a retaliação que culminou no assassinato de Tupac, segundo relatos policiais e confissões posteriores.

Ao longo dos anos, Duane Davis tornou-se figura chave nas teorias sobre o crime. Desde 2008, Davis passou a colaborar com investigadores em acordos de proposta confidenciais, revelando detalhes do que aconteceu no Cadillac branco, embora inicialmente essas informações não pudessem ser usadas como prova em tribunal. Em 2009, ele prestou depoimento à polícia de Las Vegas, descrevendo seu papel e o de seu sobrinho na perseguição e tiroteio, incluindo sua participação direta na entrega da arma.

Apesar dessas confissões, a polícia inicialmente não prosseguiu com a prisão, citando falta de provas físicas — como a arma do crime e o carro da fuga — e preocupações legais sobre a admissibilidade das declarações de Davis. Somado a isso, a falta de cooperação entre o Departamento de Polícia de Los Angeles (LAPD) e o Departamento de Polícia Metropolitana de Las Vegas (LVMPD) gerou tensões e atrasos adicionais.

Nos anos seguintes, Davis continuou a fornecer detalhes em entrevistas e memórias publicadas, tornando-se cada vez mais vulnerável a acusações. Sua própria vaidade e o desejo de reconhecimento público, segundo promoto- ►



Duane "Keffe D" Davis comparece à audiência relacionada à sua acusação pelo assassinato do rapper Tupac Shakur em 1996, em 18 de fevereiro de 2025

res, contribuíram para a construção de um caso sólido baseado em suas próprias palavras.

Finalmente, em 29 de setembro de 2023, quase três décadas após o crime, Davis foi preso em Henderson, Nevada, acusado de homicídio por envolvimento direto na morte de Tupac, mesmo que ainda alegasse ser inocente.

Além de Davis (atualmente preso) e Anderson (assassinado em maio de 1998), outras pessoas que teriam estado no Cadillac morreram nos anos seguintes, complicando a coleta de testemunhos e alimentando teorias de encobrimento. O envolvimento de gangues rivais e a dinâmica violenta entre os Crips e Bloods transformaram o caso em um enredo quase cinematográfico, onde lealdades, vinganças e segredos moldaram o curso da investigação.

O ENVOLVIMENTO DE GANGUES RIVAIS E SUA DINÂMICA VIOLENTA TRANSFORMARAM O CASO EM UM ENREDO QUASE CINEMATográfico

Recentemente, no último mês de julho, Davis recorreu à Suprema Corte de Nevada em uma tentativa de rejeitar as acusações de homicídio. Antes disso, em março, à ABC News, ele declarou: "Sou inocente. Não matei ninguém, nunca matei ninguém"; mesmo que ele tenha parecido se incriminar no livro de memórias *Compton Street Legend*, em que descreveu em detalhes as circunstâncias e seu papel no episódio.

A HISTÓRIA CONTINUA

Durante décadas, a investigação foi marcada por obstáculos: testemunhas mortas, informações contraditórias e disputas entre departamentos policiais. Greg Kading, ex-detetive do LAPD, foi um dos responsáveis por reabrir o caso no contexto das mortes de Tupac e Biggie, utilizando acordos confidenciais com Davis e outros informantes para montar uma narrativa consistente do crime. Sua abordagem, embora criticada por alguns policiais de Las Vegas, permitiu que evidências testemunhais e midiáticas fossem integradas à investigação.

A prisão de Davis, em 2023, representa o esforço final para encerrar um capítulo histórico da violência urbana e do hip-hop. Promotores e investigadores afirmam que, embora o tiroteio tenha ocorrido há quase 30 anos, as confissões, memórias publicadas e entrevistas públicas de Davis criaram uma base suficiente para levar o caso a julgamento.

Ao mesmo tempo, as prisões e acusações reacendem debates sobre o papel de Suge Knight, a responsabilidade de Orlando Anderson, e o quão decisivas foram as rivalidades entre Tupac e Biggie para a escalada de violência. A morte de Biggie Smalls, em março de 1997, permanece oficialmente sem solução, alimentando ainda mais teorias de conspiração e especulação pública.

A complexidade do caso reflete não apenas a brutalidade da noite em que Tupac foi baleado, mas também os desafios históricos do sistema de Justiça em lidar com violência urbana, rivalidade de gangues e celebridades envolvidas nesse contexto. Para os fãs e a comunidade, é um passo em direção à justiça que Tupac Shakur, mesmo em morte, continuou a inspirar, lembrando-nos de seu legado musical e do impacto cultural que permanece indelével.

AH



MEMÓRIAS DE UM PRACINHA: WALFRID DE MORAES



TESTEMUNHA VIVA DO MAIOR CONFLITO ARMADO
DA HISTÓRIA, WALFRID DE MORAES, DE 104 ANOS, RELEMBRA
SEGUNDA GUERRA **POR FABIO PREVIDELLI**

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) enviou mais de 25 mil combatentes à Europa em apoio às tropas Aliadas. Era julho de 1944, quando os primeiros pracinhas chegaram ao porto de Nápoles. Memória viva do maior conflito armado da história, o agora 2º tenente do Exército Walfrid de Moraes, que completou 104 anos no último mês de julho, foi um desses combatentes que defenderam o Exército brasileiro contra as forças nazistas. “Eu só soube na hora que eu fui escolhido... Mas eu esperava pelo ‘vai chegar o dia de me chamarem para ir pra guerra’”, conta o veterano em entrevista exclusiva à equipe da AVENTURAS NA HISTÓRIA.

Do quartel-general na Praça da República, Walfrid aponta que foi enviado para o 1º Batalhão de Caçadores de Petrópolis; onde foi

escolhido para integrar a Força Expedicionária Brasileira. Ele lembra que, na época, teve que ser submetido a um exame médico feito por um primeiro-tenente. “Ele era padioleiro aqui [no Brasil], eu fui cobaia dele aqui. Ele me deu umas injeções.”

“Aí eu falei assim: ‘Ó tenente, tu vai me livrar dessa?’. ‘É o exame médico que vai dizer’. Aí ele fez o exame e disse assim: ‘Você tá bom, então você vai’”, recorda em tom sempre bem-humorado. “Eu falei: ‘Tudo bem, eu tô passando uma vidinha aqui. Péssima, ruim. Sem emprego, sem nada. Eu vou’”.

RUMO À EUROPA

Integrante do Depósito de Pessoal da FEB, Walfrid de Moraes foi enviado para a Itália em novembro de 1944. “Quando foi de manhã cedinho, eu vi o navio balançando e fui perceber ►





Soldados da Força
Expedicionária
Brasileira na Itália
durante a II
Guerra Mundial



“Na Guerra, quando eu vestia minha farda, ficava alegre e pedia a Deus pra me proteger e me guardar.”

que o Pão de Açúcar estava sumindo. Falei: ‘Bom, agora não tem mais jeito’”.

De navio, o pracinha aponta que “foi embora pelo Atlântico todo” até chegar a Gibraltar, quando a embarcação entrou no Mar Mediterrâneo. Em alto-mar, Walfrid teve que enfrentar um problema de saúde. “Eu senti uma febre que eu tive aqui no Brasil. Eu tive lá também, ela voltou. Malária.”

“Eu fui para o hospital quando eu desembarquei lá. Chegando ao hospital, o médico perguntou de onde eu tinha vindo: ‘Eu tô chegando do Brasil agora’... ‘Ó rapaz, vê se aguenta por aqui, porque a cobra tá fumando. Você vai escutar uns tiros daí ou de canhão’. Eu falei: ‘Bom, tá certo, eu vou ficar aqui até quando Deus quiser’”.

O veterano conta que teve que ficar 12 dias internado em um hospital em Nápoles e foi liberado pelo tenente que administrava o local. “O tenente falou pra mim: ‘Você tá curado. Você quer ir pra onde estão seus colegas?’. Falei: ‘Quero, quero sim’. Aí me botaram em cima de um carro de quatro rodas. Passei em Roma, Livorno, Pisa. Cheguei a Pisa e gritaram: ‘O Moraes tá chegando agora!’. E o João Batista gritou: ‘É o Moraes! Vem cá, fica conosco aqui na barraca’”.

“Aí eu fique com eles lá. Fiquei até levantarem o acampamento e ir para Staffoli, que já tava perto da Ponte Cappiano”, recorda.

LEMBRANÇAS, PERDAS E COMEMORAÇÕES

Durante a Segunda Guerra, as tropas brasileiras passaram a reforçar o Vº Exército dos EUA — que estava desfalcado de unidades operacionais que haviam sido desviadas para a invasão do Sul da França. Os pracinhas também ocuparam e conquistaram locais ermos, como o Monte Nona (1.300 m).

OS RELATOS DE MORAES

POR DANIEL E DANILO DINUCCI

Você tinha essa expectativa de ir para a Europa guerrear?

Eu só soube na hora que eu fui escolhido, eu ainda não sabia. Mas eu esperava pelo 'vai chegar o dia de me chamarem pra ir pra guerra'.

O que você sentiu ao lutar pelo Brasil contra as forças do Eixo?

Eu ficava preocupado em enfrentar uma Guerra e minha família aqui. Preocupa a gente, né?! Mas, eu acho que eu tive a proteção divina e do meu sargento — porque ele me poupava. Em vez de ele me chamar para ir para o *front*, substituir os outros que estavam lá, eles chamavam outros e eu ficava lá na fila.

Você tem alguma lembrança feliz da Segunda Guerra?

A alegria da gente foi quando acabou a Guerra. Quando acabou a Guerra todo mundo ficou alegre. Todo mundo gritava, comemorava. De lá, passamos para Portugal. Desfilamos por Portugal, na volta pra casa. Era Carmona e Salazar. Desfilamos naquela avenida que vinha lá do lugarzinho mais alto e saía no porto. Desfilamos pela Avenida da Liberdade. A gente fica alegre, né?! É um desfile de retorno para o Brasil.

Como você recebeu a notícia da vitória na Guerra?

Eu não estava onde fica a

tropa, eu estava dando um giro por lá. Eu estava no lugar que tinha um baile. E foi lá que eu soube a notícia. Quando eu estava lá, não só eu, mas os italianos todos começaram a gritar: 'Acabou a guerra, acabou a guerra'.

Como foi conviver com os italianos?

A minha relação não era só com os italianos, era também com os soldados americanos. Eu sempre gostei de me relacionar com todos. Para mim, todo mundo é igual. Tinha um italiano, que quando eu estava passeando, eu e o Neri, na Ponte Cappiano, eu conheci ele. Era um casal. Ele me convidou para ir à casa dele. Fui à casa dele. No altozinho tinha uma Igreja Católica, e nos fundos dela passava uma rua. Depois tinha uma plantação. E eu conheci sua família, os pais deles.

Como foi o Desfile da Vitória aqui no Brasil?

Foi muita alegria. Eu desfilei na Avenida Presidente Vargas. As meninas ficavam gritando e avançavam em cima da gente. Eu sempre gostei de desfile. Eu gostava de desfilar.

Você se considera um herói de Guerra?

Não, não sou herói. Todos nós temos um momento de agir... Eu fiquei tranquilo, eu não fiquei preocupado. A preocupação era a família só.

Os Expedicionários falam que heróis são aqueles que não voltaram. Esses que perderam a vida lá, no combate.

Como você se sente sendo um representante vivo da história?

Eu sinto uma felicidade.

Qual foi o maior ensinamento que você teve da guerra?

Eu aprendi mais a viver. Na Guerra, quando eu vestia minha farda, eu ficava alegre e pedia a Deus pra me proteger e me guardar. Porque eu tirava guarda naquelas estradas escuras e deram uma senha pra gente se comunicar. Para saber se era inimigo ou não era, lá no acampamento de Staffoli.



Já entre novembro/dezembro de 1944 e fevereiro de 1945, ocorreram as batalhas na região em torno do Monte Castello. “Eu ficava preocupado em enfrentar uma Guerra e minha família aqui. Preocupa a gente, né?! Mas, eu acho que tive a proteção divina e do meu sargento”. Walfrid recorda que, sempre que possível, ele era ‘poupado’ por seu superior. “Em vez de ele me chamar para ir para o *front*, substituir os outros que estavam lá, eles chamavam outros e eu ficava lá na fila.”

Durante a participação das tropas brasileiras na Segunda Guerra, a FEB perdeu mais de 1.500 combatentes no conflito — deles, por volta de 467 morreram em combate. Outros 2.700 foram feridos ou ficaram mutilados pelo resto da vida.

O veterano recorda a ocasião em que perdeu um colega de batalhão. “Eu perdi um segundo-sargento de Petrópolis. Ele foi morto numa emboscada, durante uma patrulha. Quando ele foi entrar num prédio, explodiu tudo e ele morreu ali”.

“Foi um colega que eu treinei junto em Petrópolis. Ele dava ordens pra gente no 1º BC [1º Batalhão de Caçadores]”, explica.

Mas Walfrid de Moraes também aponta que tem boas recordações do conflito, relembando a felicidade que sentiu quando soube do fim da guerra. “A alegria da gente foi quando acabou a Guerra. Quando acabou a Guerra todo mundo ficou alegre. Todo mundo gritava, comemorava...”

A VOLTA PARA CASA

Quase um ano depois da campanha na Itália, os pracinhas foram recebidos com festa no Rio de Janeiro (que naquela época era capital federal do Brasil) e em outros estados do nosso país. No dia 18 de julho de 1945, os combatentes foram recebidos com o Desfile da Vitória.

“Foi muita alegria. Eu desfilei na Avenida Presidente Vargas. As meninas ficavam gritando e avançavam em cima da gente. Eu sempre gostei de desfile. Eu gostava de desfilar.”

Apesar de toda a sua história e dos momentos difíceis por que passou, Walfrid de Moraes diz que não se considera um herói. “Não, não sou herói. Todos nós temos um momento de agir... Eu fiquei tranquilo, eu não fiquei preocupado. A preocupação era a família só.”

“Os Expedicionários falam que heróis são aqueles que não voltaram. Esses que perderam a vida lá, no combate”, consente. Por fim, Walfrid de Moraes, que completou 104 anos em julho, diz que sente uma felicidade enorme por ser um representante vivo da história.



“Eu ficava preocupado em enfrentar uma Guerra e minha família aqui. Preocupa a gente.”

Saiba tudo sobre o lado mais sombrio das Copas do Mundo

A obra aborda os casos mais notáveis de interferência ditatorial nas Copas do Mundo, desde a primeira, em 1930, até as mais atuais. Entenda como governos totalitários podem interferir em suas seleções e também nos resultados da competição.



À venda nas melhores livrarias.

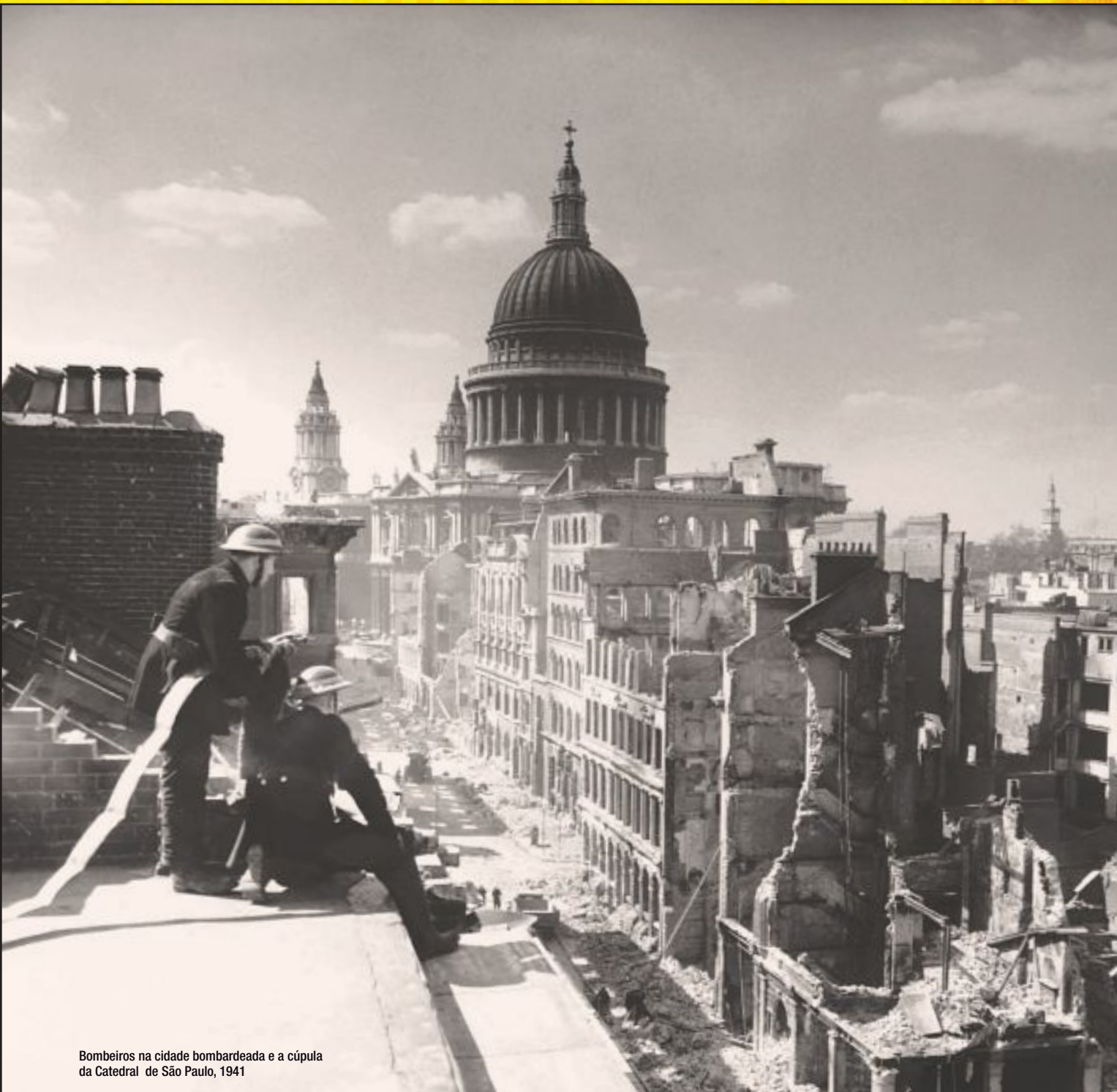
AVENTURAS NA
HISTÓRIA

SportBuzz

COISAS QUE NÃO SABEMOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MUITO DO QUE É NARRADO SOBRE A SEGUNDA GUERRA ESTÁ NOS FILMES, NA MAIORIA DOS LIVROS, NOS SERIADOS E O QUE NOS CONTARAM OS MAIS VELHOS. MAS ISSO AINDA É POUCO PARA TUDO O QUE ACONTECEU

POR EDGARDO MARTOLIO



Bombeiros na cidade bombardeada e a cúpula da Catedral de São Paulo, 1941

Sabemos que nazistas, fascistas e japoneses começaram uma guerra que envolveu de modo direto mais do dobro de nações que a Primeira Guerra Mundial. Nem todos conhecem com precisão que a União Soviética entrou na guerra 21 meses depois; que os Estados Unidos ingressaram nela 27 meses após o começo; e que a França, em seis semanas, sentiu que seria destruída e assinou o armistício mais humilhante que potência alguma propôs em qualquer guerra moderna.

Poucos reparam que o Reino Unido durante um ano e uma semana (15 de junho de 1940 a 22 de junho de 1941) lutou em solitário, sem nenhuma outra potência, enfrentando o Eixo: se tivesse desistido, os Aliados teriam perdido a guerra na Europa e, hoje, o mundo seria outro. Menos ainda se sabe que os japoneses, em todo esse período inicial, apenas eram confrontados por neozelandeses, australianos e pequenos e mal-armados exércitos coloniais, e por isso conseguiram ocupar a maior extensão que, ao longo da história, qualquer império conquistou na Ásia. Esses são dados que estão à mão, porém não aparecem explicitamente, deixando a impressão de que, “o tempo todo, todos lutaram contra todos”.

A maioria pensa que a Alemanha começou a guerra porque queria eliminar os judeus, daí

o Holocausto, quando isso é apenas um capítulo da seção ‘Horrores’ e um episódio – marcante – dos muitos que encadernaram a crônica da guerra toda; mas esse não foi o *leitmotiv* que levou o nazismo a começar a maior hecatombe dos tempos modernos. O Holocausto não foi causa, foi consequência.

ALIADOS DO EIXO

Hitler não esteve sozinho na sua demencial aventura, com ele agiu Mussolini, que queria que o antigo Império Romano revivesse na sua Itália: “*Noi siamo i discendenti dei Cesari*” (“Nós somos os descendentes dos Césares”), repetia em seus discursos na Sacada do Palácio de Veneza, em Roma. A eles também os acompanharam Hirohito e seus generais, que, sob o lema *Hakkō ichiu* (“Todos os cantos do mundo sob um único teto”), pretendiam consagrar o Japão como o maior império asiático da história. A essa virtual área exclusiva nipônica, no Pacífico, a chamavam “Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental”. Os três, Hitler, Mussolini e Hirohito coincidiam na sua mentalidade expansionista sem um incomodar os outros: os espaços pareciam naturalmente definidos.

Consequentemente, os italianos não foram engeguecidos atrás dos judeus, eles não estiveram entre suas prioridades (os que deportaram foi por pressão do nazismo, assim como a promulgação das Leis Raciais, de 1938, que – copiada das leis nazistas – proibiram os judeus de ocupar cargos públicos, possuir propriedades e casar-se com não judeus). E os japoneses, em todos os territórios que iam ►

A MAIORIA PENSA QUE A ALEMANHA COMEÇOU A GUERRA PORQUE QUERIA ELIMINAR OS JUDEUS, MAS ISSO FOI APENAS UM CAPÍTULO



Winston Churchill, Franklin D. Roosevelt e Joseph Stalin posam para fotos durante a Conferência de Yalta em fevereiro de 1945



Benito Mussolini e Adolf Hitler com sua comitiva durante a Segunda Guerra Mundial

ocupando, não encontravam judeus, certamente os teriam assassinado, não por judeus, simplesmente porque matavam todos os que cruzavam em seu caminho, independentemente de sua religião ou raça. Concretamente, na Ásia de seu interesse, não havia judeus.

Assim, a guerra começou pela megalomania expansionista de três líderes de três nações que coincidiram nesse espírito conquistador num momento no qual o resto do mundo não queria mais guerras, não se armava, estava desmilitarizado e recuperando-se de 1929, quando nos EUA eclodiu o *Crash* de Wall Street afetando quase todas as economias do planeta. No período de entreguerras, o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain, antecessor de Churchill, havia lançado sua política de ‘apaziguamento’ (*appeasement*), conceito de ingênua paz compartilhado pela França. Era a oportunidade perfeita para os expansionistas irem por mais, pelo menos testar quanto de verdade havia nisso. E testaram. Hitler anexando Áustria (Anschluss), quitando-lhe a Tchecoslováquia, os Sudetos e a Boêmia e Morávia; Mussolini continuando suas pretensas campanhas ‘italianizantes’ no norte da África e ocupando a europeia Albânia; e o Japão, que já tinha Co-

reia e Taiwan, invadindo a costa da China e, no norte, internando-se até a fronteira com a URSS e Mongólia. Passaram o teste. Ninguém fez nada. Tinham calibrado bem. Aí, seguiram. O silêncio de todos soou como um convite para os três ampliarem a festa expansionista.

A GUERRA DO ESQUECIMENTO

Do mesmo modo, comumente se acredita que a guerra terminou em 8 de maio de 1945, quando capitulou a Alemanha, porque é a data na qual o Ocidente (achando-se umbigo do mundo) comemora anualmente o final da guerra em seu continente. Esquece que as beligerâncias continuaram por mais quatro meses na encarniçada Guerra do Pacífico, na qual os americanos, principalmente eles, terminaram de derrotar os japoneses, que se renderam oficialmente no início de setembro (dia 2, ainda quando em 15 de agosto, seis dias após a segunda bomba atômica – a lançada em Nagasaki –, anunciaram que deporiam as armas). A cerimônia de rendição em Tóquio selou oficialmente o fim da Segunda Guerra Mundial, porém em muitos outros lugares Divisões do Exército do Império do Sol Nascente, que não acreditavam que seu imbatível país tivesse se rendido – não suportavam essa ideia –, continuaram com as ações bélicas até dezembro deste ano, sem contar os soldados isolados que em algumas ilhas, esquecidas por Deus, combateram até a década de 1970.

Do lado perdedor, Adolf Hitler é o nome mais mencionado, um ser desprezível que todos conhecemos, amarrado à ideia dos campos de concentração (o cinema tem um pouco de culpa nisso), e Mussolini, pelo menos na Europa, tem suas citações vinculadas à Segunda Guerra Mundial; e quase mais ninguém. Pelo lado vencedor, os holofotes sempre apontam na loquaz figura do primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, porém, na Europa também guardam espaço para o mais digno francês, Charles de Gaulle; e de modo controverso, como ‘o definidor’ da guerra aparece o soviético Josef Stalin, o perverso ►

A GUERRA COMEÇOU PELA MEGALOMANIA EXPANSIONISTA DE TRÊS LÍDERES DE TRÊS NAÇÕES NESSE ESPÍRITO CONQUISTADOR



Marzahn, o primeiro campo de aprisionamento para os ciganos (Romanis) durante o Terceiro Reich, na Alemanha nazista

OS PLANOS — E VÍTIMAS — DE HITLER

Hitler queria recuperar os territórios perdidos após a derrota do Segundo Reich na Primeira Guerra Mundial; almejava lavar o ultraje que ele considerava tinha-se cometido com a Alemanha quando assinou o Tratado de Versalhes em 1919; aspirava ampliar o máximo possível, especialmente dentro da Europa, a geografia alemã para restaurar o Sacro Império Romano-Germânico dos séculos X e XII.

Tudo isso o necessitava para impor seu *Lebensraum* (espaço vital alemão), no qual só habitassem arianos, a raça superior segundo sua obcecada crença: para isso, precisava eliminar todo aquele que não o fosse, não apenas os judeus (maioria), também ciganos, Testemunhas de Jeová, homossexuais, deficientes físicos e mentais – inclusive se fossem arianos – e qualquer etnia que

contaminasse a pureza do sangue teutônico, além de opositores políticos e criminosos.

Achar que o Holocausto foi a tentativa de extermínio dos judeus e só dos judeus é ignorar as outras vítimas que, por razões mais ou menos óbvias, após a guerra, não tiveram a voz ampliada como tiveram os judeus. Estima-se que em 1939, em todo o mundo, os judeus puros, os *Volljude* (tinham os quatro avós judeus), eram 15 milhões; mas os nazistas não iam só atrás deles, também perseguiam aqueles que participavam da comunidade e consideravam plenos, os *Geltungsjude* (três avós judeus), os casados com judeus, os *Mischlinge* de primeiro grau (dois avós judeus) e os *Mischlinge* de segundo grau (um único avô judeu). Somando todos, talvez o número passasse por bastante dos 20 milhões.

A política antissemita eliminou 6 milhões, menos da terceira parte deles. O caso dos ciganos, ainda que em valores absolutos fosse muito menor, proporcionalmente a chance de extermínio foi bem maior. Do milhão que se calcula que existia, no mundo, nos campos de concentração teriam morrido entre 350 mil e 500 mil, esta última cifra representaria 50%, metade. Porém, eles não repercutiram. Por quê? Porque o preconceito com os ciganos não era só nazista, praticamente todos os rejeitavam, ainda que não os matassem. Então, o *Porajmos* (Holocausto cigano), *pro rata*, foi bem maior, assim, no pós-guerra, não houve caçadores de nazistas anticiganos como houve caçadores de nazistas antissemitas. A história sempre contou o que o contador dela quis contar.

homem que com seu Exército Vermelho aniquilou os nazistas que ousaram invadi-lo.

No meio deles, quase sempre esquecidos, há bastantes personalidades tão importantes quanto eles, porém menos famosas e que o tempo vai apagando injustamente. Certo é que também não se sabe tanto de Hitler, Mussolini, Churchill, de Gaulle e Stalin; o que todos conhecemos é o que sempre se repete, repete e repete. Mas eles são figuras que, para mal ou para bem, preencheram os arquivos com mais do que isso que se divulga. Eles, como a guerra, são um círculo vicioso que não sai da sua circunferência. A pauta, aqui, é ressaltar alguns fatos que vão além do óbvio deles, além dos reiterados combates e além dos 'países de sempre'. Por exemplo...

... Nunca se escreve que o plano de Hitler era começar a guerra em 1945 e adiantou as invasões devido ao mal de Parkinson que padecia e viu acelerar-se. As drogas que controlavam seu mal o tornaram adicto e influenciaram na tomada de decisões erradas que o levaram a perder a guerra e também a cometer suicídio, ainda que neste caso o fator decisivo fosse a informação de que, no dia anterior, Mussolini tinha sido morto pelos próprios italianos, seu corpo deturpado pelos antes seus

fanáticos admiradores e agora quem mais o odiava, e exposto, pendurado, num posto de gasolina. Poucas horas depois, não querendo arriscar que isso aconteceria com ele, tirou sua vida. Acredita-se que nunca pensou em se matar para escapar dos julgamentos, não chegou a essa instância. Seu ego estético decidiu o suicídio antes dessa reflexão.

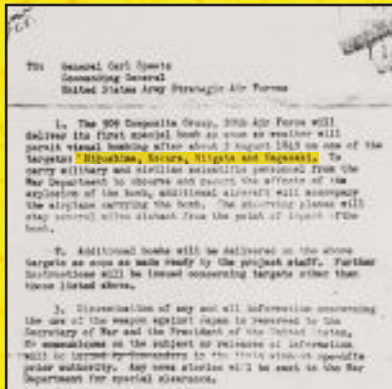
CHURCHILL E O PASSADO ESQUECIDO

De Churchill rara vez alguém lembra que foi um genocida: matou de fome milhões de indianos, colônia britânica na época, queimando todo o comestível para evitar que, caso os japoneses conseguissem invadir o atual país com a maior população do planeta, não tivessem como alimentar-se. Os japoneses não conseguiram invadir e os que morreram por inanição foram as famílias dos indianos que estavam em diversas frentes lutando em nome da coroa britânica. Como os Aliados venceram, Churchill foi aplaudido.

O mesmo ocorreu com o maléfico Stalin, quem até ser traído por Hitler (tinham um pacto de não agressão) não era Aliado e atuava tão selvagememente quanto os nazistas. Também invadiu a Polônia, após tentar conquistar a Finlândia, e aterrorizou os 'países bálticos'. Derrotar Hitler limpou seu passado sem importar que dentro da União Soviética continuavam suas purgas e tinha os *gulags* siberianos lotados de prisioneiros políticos e de guerra que morriam congelados. E o pior caso de omissão proposital foi o que envolveu o imperador japonês, Hirohito: não foi julgado, foi tratado como um pacifista.

Os detalhes estão na coleção que AVENTURAS NA HISTÓRIA apresenta, denominada *A Guerra de Todos*. De suas 1.500 páginas, extraíram-se parágrafos de cada um dos 8 livros, textos que não só ajudam a entender a magnitude dessa obra, como também, aqui, contar um pouco daquilo que pouco conhecemos da Segunda Guerra Mundial.

O PLANO DE HITLER ERA COMEÇAR A GUERRA EM 1945 E ADIANTOU AS INVASÕES DEVIDO AO MAL DE PARKINSON



Memorando autorizando as bombas, com Kokura aparecendo como segundo ataque



O bombardeio nuclear de Nagasaki, Japão, em 9 de agosto de 1945

A SORTE DE KOKURA, O AZAR DE NAGASAKI

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO 1 – O EIXO: PROVOCADORES, ILUSOS E ANEXADOS)

A bomba de Nagasaki, lançada às 11h02 da quinta-feira, 9 de agosto de 1945, ou seja, três dias depois da anterior, não era de urânio, era de plutônio, ainda que os dois minérios fossem extraídos em minas do Congo Belga. Em sua cápsula de 3,25 metros de longitude e 1,52 metro de diâmetro, portava 230 quilogramas de explosivo a mais do que a primeira bomba. Tinha 6 quilotons de potência a mais – o que se ativou da carga equivale a mais 6 megatons de TNT que a outra –, viajou 12 segundos mais rápido que sua irmã-atômica e detonou 97 metros mais perto do solo que a anterior. Porém, expandiram-se 300 m² menos, destruiu 30% menos de edifícios e matou menos de um terço das pessoas do que em Hiroshima, onde o efeito foi mais devastador. Nas duas bombas, apenas foram submetidas à fissão nuclear 900 gramas dos 21 e 15 quilotons de urânio e plutônio que, respectivamente, carregavam Little Boy e Fat Man, seus nomes.

Hiroshima foi eleita pelos

americanos para que a bomba caísse nela, mas Nagasaki, não; não era a cidade escolhida em primeiro lugar para o “sacrifício” daquela jornada. O alvo marcado era Kokura, que tinha uma grande fábrica de armamentos produzindo armas químicas, segundo a “Inteligência” Aliada. Foi salva pelo “gongo climático”. Quando o B-29 Bockscar se aproximou, o piloto Charles Sweeney foi advertido pelo navegador, James Van Pelt Jr., que iria encontrar um denso nevoeiro cobrindo toda a cidade e reduzindo muito a visibilidade, especialmente pela altitude que precisavam manter.

A tragédia que aconteceu em Nagasaki já se sabe, mas não o que ocorreu nesse dia em Kokura, na ilha de Kyushu, onde tudo foi normal até o meio-dia, quando souberam o que havia acontecido com seus vizinhos a 204 quilômetros de distância. O lamento foi geral, claro, especialmente porque todos estavam sensibilizados com o que setenta e poucas horas antes ocorrera em

Hiroshima. Não imaginaram que nesse exato momento todos eles, os 130 mil habitantes de Kokura poderiam estar mortos ou seus corpos queimando em fatal agonia, ou propiciando um câncer que chegaria anos mais tarde; não pensaram neles, compadeceram-se dos desgraçados compatriotas.

Também, nem por acaso imaginaram que três dias antes a sorte estivesse de seu lado, pois Kokura era a primeira alternativa de Hiroshima se o tempo houvesse impedido de lançar a bomba nela. Passaram anos para saberem dessas miraculosas singularidades e de sua dupla boa sorte; dizem que, desde então, ninguém reclama em Kokura quando há tormenta. De qualquer modo, em todo o Japão, a eventualidade passou a ser conhecida como “Sorte de Kokura”, expressão que se converteu em ditado para descrever situações em que uma circunstância aparentemente negativa acaba sendo benéfica. ►



Jan Smuts e Churchill no gramado da Embaixada Britânica no Cairo, em 1942



O 'SUPLENTE' DE CHURCHILL NÃO ERA BRITÂNICO

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO 2 – OS ALIADOS: E OS RENUNCIANTES À NEUTRALIDADE)

Tal engajamento sul-africano na Segunda Guerra Mundial tem muito a ver com o filósofo e marechal de campo do Império Britânico, Jan Smuts, o único general não britânico no qual o primeiro-ministro do Reino Unido, Winston Churchill, confiava e consultava permanentemente. O também duas vezes primeiro-ministro de sua pátria, Smuts é um dos nomes mais

importantes do conflito bélico global e figura-chave dos Aliados, funcionando como convidado do Gabinete de Guerra Imperial em 1939. Segundo seu biógrafo Roots Waverley, como hábil político, líder militar e estadista sul-africano – país que ajudou a fundar junto a Louis Botha –, ele foi mais influente na inglesa Commonwealth do que a maioria dos próprios políticos britânicos, talvez, por isso, resultasse uma peça importante na criação da prestigiosa Força Aérea Real (RAF) do Reino Unido.

Como cérebro dos bôeres sul-africanos, Smuts havia ganhado o respeito dos europeus, especialmente do inglês Churchill (em plano aprovado pelo rei George VI, Smuts assumiria como primeiro-ministro do Reino Unido se Churchill morresse ou ficasse incapacitado durante a guerra). De mente brilhante, Albert Einstein falou que Smuts era “um dos apenas onze homens no mundo” que, conceitualmente, entenderam sua Teoria da Relatividade. Smuts – era autista na infância – aprovou o *apartheid*, mas nunca concordou com sua perversidade.

Durante a Primeira Guerra Mundial, ele liderou tropas sul-africanas ao lado dos britânicos contra o império germânico, capturando o Sudoeste Africano Alemão (Namíbia) e comandando Regimentos na África Oriental. Condecorado com as ordens de Mérito e dos Companheiros de Honra, distinguido como conselheiro do Rei e membro da Sociedade Real, foi um grande estrategista bélico, ajudado nessa tarefa por seus conhecimentos do “holismo”, no qual tinha se especializado. E só ele e ninguém mais foi signatário dos tratados que encerraram ambas as Guerras Mundiais, a Primeira e a Segunda; essa é a sua distinguida “exclusividade universal”.

O TREM DE HITLER: DA ROTA DA SEDA ATÉ BERLIM

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO 3 – OS SOVIÉTICOS:
OS AFINS E OS AMBÍGUOS)

Opouco transcendido do país na época da Segunda Guerra Mundial destaca que o Turcomenistão estava nos planos expansionistas do nazismo. O Terceiro Reich chegou a considerar a possibilidade de criar, aí, seu Reichskommissariat Turkestan para estabelecer controle sobre a Ásia Central e a antiga “rota da seda” que atravessa sua geografia.

Se bem que as fantasias de Hitler, às vezes, queriam emular “Alexandre, o Grande”, que havia conquistado esse território em 329 a.C., a verdade é que o ideólogo dessa concepção foi o político e escritor nazista Alfred Rosenberg, para muitos – com Dietrich Eckart – a mente mais diabólica por trás do Führer e também principal ideólogo promotor do anti-bolchevismo e do antijudaísmo nazista (Rosenberg, nascido na Estônia do Império Russo, foi condenado por crimes de guerra

nos Julgamentos de Nuremberg e executado em 1946).

Segundo o historiador soviético Lev Bezymenski, os nomes de Panturkestan (Panturquestão), Großturkestan (Grande Turquestão) e Mohammed-Reich (Império Mohammed) foram avaliados para batizar esse território uma vez que fosse ocupada a União Soviética pelos nazistas. Até uma *Breitspurbahn* – rede ferroviária – foi planejada para unir a região, de Asgabate a Berlim (os 4.333 km existentes em linha reta se uniriam em 40 horas, com paradas em Kiev e Varsóvia, entre outras cidades menores). Essa proposta foi desativada por ordem do próprio Hitler, “pelo menos para o futuro imediato”, porque o esforço deveria ser “focado nas partes europeias da nova URSS” naquele momento.

CANIBALISMO GOURMET NIPÔNICO

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO 4 – AS VÍTIMAS: INVADIDOS,
OCUPADOS E DESTRUÍDOS)

Segundo relato da revista *Time*, dos EUA, derrotados e sem suprimentos, os famintos soldados japoneses refugiados na guarnição local, sob o comando do tenente-general Yoshio Tachibana, por ordem deste, mataram todos os pilotos americanos capturados. “Dois foram decapitados numa cerimônia pública, e tiveram imediatamente os fígados arrancados, retalhados e servidos como *sukiyaki*.” Trata-se de um prato japonês típico “preparado à mesa conforme se vai comendo”. As pessoas vão servindo a si mesmas à medida que os ingredientes são cozidos na manteiga (carne fatiada bem fina, verduras, *udon* – macarrão nipônico – e cogumelos *shiitake* ou *shimeji*, tudo temperando com *shoyu* – molho de soja –, açúcar, *sake mirin*, especial para cozidos, e glutamato monossódico, que não deviam ter na guarnição); para servir-se, quebra-se um ovo e bate-se a gema. Um absurdo canibalismo gourmet. Absurdo, mas aconteceu. ►



AS QUATRO PRIMEIRAS
CAPAS DA COLEÇÃO
A GUERRA DE TODOS



Funcionários, da Unidade 731, conduzem experimento em um prisioneiro vivo no nordeste da China, por volta de 1940

O LABORATÓRIO DOS HORRORES JAPONÊS

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO 5 – OS TRAIDORES: FANTOCHES, INDIGNOS E CANALHAS)

Há uma história japonesa tão truculenta em Manchukuo que equivale aos experimentos do “Anjo da Morte”, Josef Mengele, e seu diabólico gabinete no campo de extermínio nazista de Auschwitz. Trata-se do Programa Encoberto de Pesquisa e Desenvolvimento de Armas Biológicas do Exército Imperial japonês, denominado internamente e de modo simplificado Unidade 731. Um laboratório macabro que, entre 1937 e 1945, fez experimentos com seres humanos vivos (prioritariamente com prisioneiros da Segunda Guerra Sino-Japonesa no contexto da Segunda Guerra Mundial).

O microbiologista Shiro Ishii, que dirigia o programa, conseguiu testar até seiscentos “pacientes” ao mesmo tempo. Ishii, formado na Universidade Imperial de Quioto, especializado em microbiologia e professor de Imunologia da Faculdade de Medicina do Exército em Tóquio, é o maior criminoso de guerra jamais julgado. Ele tinha uma rede de seis laboratórios em seis cidades e 10 mil químicos, médicos, cientistas, farmacêuticos, investigadores, laboratoristas, enfermeiros e mais trabalhando em suas pesquisas, em 1939.

Shiro Ishii dispunha, por vezes, de até 15 mil cobaias humanas, incluindo crianças e velhos, doentes

e disformes, incapacitados e mulheres grávidas, também expoentes de diversas etnias, para seus experimentos. Centenas de pessoas morriam em seus ensaios, que não eram de “tentativa e erro”, eram diretamente de “tentativa e morte”, como ocorria quando eram expostos aos efeitos do ácido cianídrico (cianeto de hidrogênio) inalado até o final, e tudo cuidadosamente anotado: até onde chegava a resistência de um púbere, de um adulto, de um ancião, de um feto na barriga da mãe...

Uma das grandes missões que tinha encarado Ishii era a de como envenenar o inimigo de modo rápido e coletivo. Assim, contaminou quase toda a água de Nanquim, na China, em fase de teste. Também pretendia gerar epidemias que acabassem com o inimigo, fazendo-os sofrer até a irreversível morte, levando os vírus a seus países. Suas pesquisas de enfermidades infecciosas inocularam em sujeitos sadios os germes da cólera, disenteria, bruceloses, tífis, difteria, botulismo, antraz, mormo, bruceloses, sífilis (para o qual estupravam as mulheres, contagiando-as na busca do efeito no feto), e de pestes como a bubônica, na procura de formas de contágio maciço, e também as respectivas vacinas que protegeriam a raça superior nipônica.

Não há constância de intercâmbio, porém, as provas fisiológicas feitas se

pareciam com as dos nazistas, tais como as cirúrgicas, as traqueostomias, apendicectomias, amputações, remoção de balas a diferentes distâncias e distintos calibres. Seu caso e sua causa continuam no mutismo do inconveniente, e por isso ganhou o epíteto de “O segredo dos segredos”.

Shiro Ishii não só não enfrentou um tribunal como muitas de suas pesquisas foram publicadas em revistas científicas no pós-guerra como se fossem válidas, sem reparos éticos e morais de como haviam sido obtidas, cobrando a vida de milhares de pessoas usadas como cobaias. Também não se julgou nenhum outro profissional de sua equipe do Esquadrão 731, contrariamente ao que aconteceu com seus equivalentes nazistas, que, em casos, foram sentenciados à morte e prisão perpétua. Só doze deles, de baixa patente, foram julgados pelos soviéticos, nos processos de Khabarovsk, na Sibéria, em dezembro de 1949, mas lhes aplicaram penas irrelevantes. O argumento de por que se conferiu imunidade a esses criminosos que foram trabalhar para os EUA foi o temor de que caíssem em mãos dos soviéticos em tempos de Guerra Fria; assim, fizeram-nos trabalhar para eles. Outra alegação foi que, em caso de serem julgados os cientistas, o imperador Hirohito também deveria ser julgado, mas, como Hirohito era um Deus para o povo japonês, poderia resultar trágico se fosse condenado. Inaceitável justificativa.

Quando os americanos prenderam Shiro Ishii, em 1946, ele negociou seus segredos biológicos pela liberdade. Inconcebivelmente, aceitaram sua proposta. Livre, abriu no Japão uma clínica de saúde gratuita após se converter ao cristianismo. Não encontrou a fórmula da vida eterna, morreu em Tóquio, de câncer na garganta, aos 67 anos, em 1959.

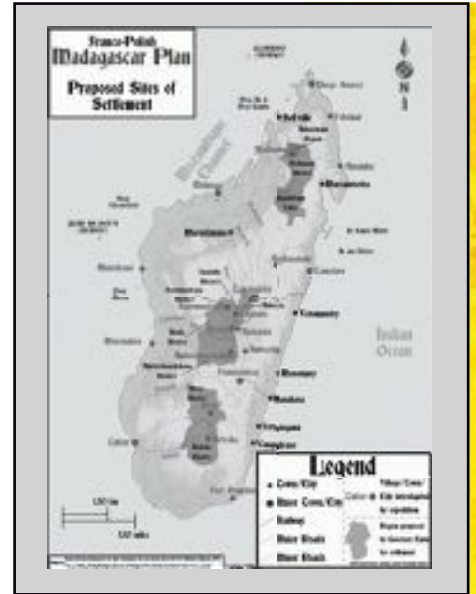
A CURIOSA 'TERRA PROMETIDA' QUE PENSARAM OS NAZISTAS

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO 6 – OS REBELDES: OS SÚDITOS E OS DONOS DO MUNDO)

Em 1940, apenas a Alemanha ocupou a França, a cúpula nazista cogitou a possibilidade de deportar todos os judeus da Europa para Madagascar como “a solução para a questão judaica pelo governo da Alemanha” (ou em alemão “zur Endlösung der Judenfrage”), segundo palavras de um de seus ideólogos, Adolf Eichmann. Esse projeto, chamado “Plano Madagascar” foi proposto formalmente a Hitler, em 1938, pelo outro mentor do plano, Franz Rademacher, responsável pelo departamento de assuntos judaicos (Réferat DIII ou Judenreferat) do Ministério das Relações Exteriores do Terceiro Reich.

A ideia nunca foi concretizada por uma variedade de razões, sendo a principal que os Aliados

ocuparam a ilha em 1942; mas por que os nazistas não começaram essa migração judia em 1940, após tomarem França? Segundo o diário pessoal do Gruppenführer Reinhard Heydrich, um dos arquitetos do Holocausto, “porque Hitler queria o extermínio, e não o afastamento geográfico dos sionistas”. Não obstante, os ideólogos Eichmann e Rademacher sustentaram que seu plano estava vigente, só que o Führer tinha trocado Madagascar pelo leste da Rússia, ideia que se executaria quando a Alemanha tomasse a União Soviética, o que não foi possível... Do contrário, Madagascar poderia ter sido uma forçada e inesperada “terra prometida”.



Mapa dos locais propostos franco-poloneses para o reassentamento de judeus europeus em Madagascar

ILHA DE PÁScoa EM TROCA POR AVIÕES?

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO 7 – OS MASCARADOS: NEUTRAIS, INJUSTIÇADOS E INVISÍVEIS)



Retrato do político chileno Arturo Alessandri

Militarmente, o Chile fortaleceu a Marinha e, durante toda a guerra, temendo um ataque japonês que nunca aconteceu, protegeu as ilhas de Páscoa e Juan Fernández distantes 3.700 e 670 quilômetros de Valparaíso, na costa continental chilena, respectivamente. Páscoa esteve nos planos bombardeiros do Japão, em 1942, mas não foram levados adiante. A propósito da ilha Rapa Nui, o nome indígena de Páscoa, dois anos antes da guerra, em 1937, ela quase foi traspasada à Alemanha nazista, após também ser oferecida aos EUA, que tinha o hábito de comprar ilhas, como fez em 1917 com as Virgens do Caribe (Saint Thomas, Saint John e Holy Cross), adquiridas a

Dinamarca em US\$ 25 milhões.

Nesse ano de 1937, o Chile comprou 29 aviões militares da Itália e 36 da Alemanha, e pretendia adquirir mais dois cruzeiros para reforçar seu arsenal aéreo. O presidente Arturo Alessandri propôs ao Terceiro Reich como moeda de câmbio a ilha dos Moais, mas Hitler não aceitou e foram oferecidas ao Reino Unido e ao Japão, que também rechaçaram a oferta.

E por aí ficou tudo. Já a ilha de Juan Fernández, popularizada pelo romance *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, foi utilizada por Chile em vários momentos da história como prisão de dissidentes (Páscoa, antes de ser turística, também chegou a ter esse uso). ►



Militares americanos sentam-se para tomar um drinque no Grande Hotel, em Natal

Getúlio Vargas com o presidente dos EUA, Roosevelt, em Natal

NATAL ERA UMA FESTA

(TRECHO RETIRADO DO LIVRO – O BRASIL: OS "INTERNAMENTOS", AS BASES E A FEB)

Enquanto os brasileiros da FEB iam para a guerra, já fazia dois anos que – segundo os meses e as exigências dos momentos beligerantes – entre 10 mil e quase 30 mil soldados norte-americanos se “assentaram de passagem” em Natal, cidade que na época tinha 55 mil moradores (quando do fim da guerra sua população tinha aumentado uns 88% – 38.237 habitantes –, beirando os 100 mil; pois a presença dos americanos “endinheirados” atraiu, entre outros, bastantes meretrizes e muitos comerciantes que queriam vender qualquer coisa para eles). Pela primeira vez, havia tantos comerciantes quanto funcionários públicos, a casta predominante em quase todo o Nordeste. Nesse período, nenhuma outra cidade brasileira e talvez no mundo cresceu tanto, proporcionalmente, quanto Natal.

Os ianques não só deixaram as fantásticas obras das Bases Aéreas e seus hangares desenvolvidos pela então incipientemente exitosa companhia aérea Pan Am, hoje desaparecida, mediante sua subsidiária Airport Development Program. Deixaram muito mais do que isso e da nova Estação Central de comunicações, da Rua 13 de Maio, de discado direto, sem necessidade do enlace manual de uma telefonista, inaugurada com 500 aparelhos fixos (número aumentado quase imediatamente), administrada pela Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil. Em quase todas as coisas, Natal levou vantagem comparativa com qualquer cidade nordestina e com a maioria do Brasil, graças às “consequências positivas da negativa guerra” e as heranças da presença americana.

Os gringos animaram a região de um modo tão insólito que não refletia o mundo de perseguições e mortes que havia “do outro lado do oceano”; aqui tinha cara de festa. Porém, deve-se entender que o clima festivo em Natal se dividia em dois segmentos, o da sociedade alfabetizada (20% em 1940) e o da população analfabeta 80% (só 2% da garotada em idade escolar tinha acesso aos colégios nesse momento). Assim era a capital do Rio Grande do Norte quando começou a guerra e assim era quase todo o Nordeste. Enquanto a maioria não

se inteirava de nada além dos falecimentos em seu bairro, a alta sociedade lia pelo menos um dos três jornais existentes na cidade, de cunho político todos eles: o tradicionalíssimo *A República*, o mais novo *A Ordem* e aquele que precisamente nasceu para contar a guerra, *O Diário*, propriedade do fundador da revista *A Cigarra*, a primeira a tratar “assuntos de sociedade”.

Comprar um aparelho radiofônico era algo fora do pensamento dos pobres que nem escutar o rádio eles podiam antes da guerra, pois a primeira emissora do estado do Rio Grande do Norte recém se fundou em 1941 graças à Base americana e ao conflito armado; foi a REN, Rádio Educadora de Natal. Momento no qual a Casa Comercial Carlos Lemos começou a vender aparelhos RCA Victor e vitrolas. Ter um “aparato de rádio” dava status e ter uma vitrola consagrava o dono com o título de “bacana da praça”. O povo, que não podia nem sonhar com “essas modernidades” se reunia em locais públicos ao som dos recém-instalados alto-falantes “para todos”, a quase toda hora conectados a BBC de Londres, que resumia as últimas notícias da guerra; esses lugares serviam de ponto de encontro do pessoal da cidade, tais os casos da Sorveteria do Centro e também a Praça Pedro Velho.

A Base de Parnamirim Field, como

a batizaram os norte-americanos, representava a sofisticação para os ricos e o inalcançável para os desfavorecidos, mas na cabeça de todos era alguma coisa assim como uma sucursal de Nova York. E não erravam por muito; nela se imprimia o jornal *Foreign Ferry News*, em idioma inglês, distribuído entre os militares e de grande atrativo na sociedade potiguar; para os soldados também existia a WSMS, a Estação de Rádio própria da Base que poderia considerar-se local, porém com programação americana.

Na cidade, além das existentes na Base, se abriram salas de cinemas que sempre estavam lotadas exibindo filmes de Hollywood, pela primeira vez com dublagem em português e legendas em inglês. Ver essas produções tinha um incentivo extra, o de ver nas telas os astros que talvez conhecessem ao vivo a qualquer momento. Ocorria que artistas famosos, trazidos pelo governo estadunidense, visitavam as tropas mensalmente para animá-las; e não só ficavam uns pares de dias em Natal, também passeavam pelas ruas como podiam fazê-lo em Rodeo Drive. Betty Davis, Tyrone Power, Al Johnson, Jack Benny, Humphrey Bogart, Carole Landis, Ann Lee, Marlene Dietrich, Martha Ray, Key Francis, Larry Adams, Winnie Shaw, Nelson Eddy e Bruce Cabot, todos eles estiveram lá.

A propósito dessas ilustres visitas e seus famosos passeios, conta a lenda que Bette Davis andou pelas ruas de Natal usando calça comprida, algo insólito para o universo machista tupiniquim. Fato é que o primeiro dia chamou mais atenção do que ela mesma, no segundo dia já não era a única, outras mulheres da cidade também saíram de calça comprida. Natal foi a Ilha de Caras antecipada por meio século. Tyrone Power era piloto e chegou à Base comandando o avião que a companhia Twenty Century ►

Fox lhe emprestou por um ano. Aquilo era incrível.

Por esses dias, não faltaram ribombantes festas onde tocaram orquestras ianques famosíssimas como as de Glenn Miller e Tommy Dorsey – também atuaram as muito populares bandas brasileiras Icarai de Rio de Janeiro e Os Artistas do Casino da Urca, também carioca. Todos eles se apresentavam no teatro ao ar livre Trampolim da Vitória e no Cine Drive In da Base, além de atuar na cidade, ora no Teatro Carlos Gomes, ora nos cinemas Rio Grande e Rex. A orquestra de Jazz do Exército Americano, sempre presente nos grandes bailes, era ótima, os natalenses gostavam. Nas duas salas de cinema citadas, antes dos filmes, se exibiam noticiários da guerra bem atualizados que traziam os ianques, noticiários, que graças a um projetor portátil, também “se passavam” gratuitamente em praças públicas.

Diariamente, milhares de jovens

soldados norte-americanos frequentavam os florescentes bares do Grande Ponto, um setor do centro com destaque na Rua João Pessoa. Ali andavam eles percorrendo O Café da Cidade Alta ou no Cova de Onça, um dos preferidos na área da Ribeira. A Confeitaria Delícia, dos mesmos donos do Grande Hotel, foi um sucesso desde a inauguração, concentrando em suas mesas a intelectualidade e a boemia local. Nem falar dos visitadíssimos cabarés dos quais sobressaía o de Maria Boa, sempre a tope, especialmente até as 21h00, hora na qual os boys sem mais patente que a de soldado raso regressavam à Base.

A dona da boate, a charmosa Maria Oliveira de Barros, oriunda de Campina Grande, definia seu mal dissimulado lupanar como “casa de luxo” e era realmente o espaço mais chique de todos, com bebidas importadas e mulheres – a maioria do sul do país – tão caras que só o

frequentavam ricos e militares de alto rango; mas Maria Boa era a única “casa” que garantia a “sanidade de suas princesas”; ela mesma as cuidava com os remédios de então (o tratamento com mercúrio era o mais usado contra a sífilis, também o arsenical Salvarçal – quando havia – e com a guerra se popularizaria a penicilina). Ali, na Casa de Maria Boa, entre ricos e militares americanos, em volta das loiras sulistas, se congregavam os natalenses poderosos, os “coronéis” da política; cuja frequência era tanta que se falava que aí se tomavam as medidas do dia seguinte e se decidiam as ações do governo do ano todo.

Impossível esquecer a Pensão Ideal, o Bar Quitandinha do Alecrim, o Arpege, o Beco da Quarentena e o Wonder Bar, os locais mais libertinos e populares, os das messalinas mais baratas e os de mais confusões. Os que não tinham acesso àquele lupanar elitista da Maria Boa, “namoravam” na região da Ribeira ou, então, no bairro da Luz Vermelha, onde passeavam as “mulheres da vida” que não queriam ser exploradas por uma madame. Foi por isso que se institucionalizou o “love card”, que devia atualizar-se toda semana com um exame médico para evitar a transmissão das doenças venéreas, que já se sabia não serem “todas surgidas de uma única doença” como se acreditava ante a década anterior.

Claro que nem todo amor era em troca de dólares, mas só 32 natalenses casaram com americanos nesse ciclo. Parte da alta sociedade local não aprovava o exercício da “profissão mais antiga do mundo”, com certa lógica consideravam essa etapa lasciva e um mau exemplo trazido pelos yonis; as que mais reclamavam eram as damas da Ação Católica, as mesmas que melhoraram sua visão dos americanos e “dessas coisas” quando na Base, aos domingos, depois da missa



Militares americanos conversam com uma mulher local pela janela em Natal

protestante, começou a dar-se missa católica. Ainda assim, elas não aprovavam se cumprimentar na rua com um beijo na bochecha, como os americanos contagiaram nos potiguares.

Nem todos “torravam” seus dólares “nesses lugares”, a maioria dos oficiais comprava muito e comprava com suas notas “verdes” que já tinham a imagem de George Washington impressa nelas, notas que a maioria dos comerciantes enxergava pela primeira vez na vida. Os conscritos promoviam o escambo com a novidade dos enlatados – inventados graças às necessidades da guerra – que eles recebiam do Exército e os trocavam a preço de ouro, às vezes até por um momento de “amor express”. Os mais gastadores compravam na Rua Dr. Barata, que parecia um shopping a céu aberto, artéria urbana por onde circulava o *tramway*.

O que compravam? Especialmente as Natal boots, botas artesanais que levavam aos EUA e lá faziam sucesso; mas nunca tanto quanto as meias de seda femininas que tinham parado de se vender nos EUA porque a seda era necessária na fabricação de paraquedas. Também compravam papagaios cegos, macacos esportistas, tucanos falantes, tartarugas velocistas e outros enganos do Zé Areia, um personagem famoso em Natal pelos “golpes” que aplicou nos soldadinhos mais ingênuos e entre os entusiasmados com a exótica fauna do trópico brasileiro.

Esse dinheiro todo que se movimentava diariamente, cerca de 1 milhão de dólares da época – quase US\$20 milhões atuais – fez com que, no melhor estilo Las Vegas, se abrisse o Casino Natal. Também multiplicou os clubes da cidade, surgindo o Aero Clube, o Círculo Militar, o Clube da Redinha e o Clube Hípico, todos eles para a elite local e os estrangeiros, mas também fez



Soldados passeiam pela praia e pelas ruas de Natal

com que os clubes já existentes copiassem os novos e abrissem aos sábados. No local do antigo cine Politeama, se inaugurou o USO Town Club, exclusivo para militares – podiam levar convidados – e o buffet de seu terraço logo virou famoso com suas matinês dançantes que eram shows. Em todas as suas pistas, se dançava preferentemente rock, twist e jazz. E “forró”, um mal pronunciado *foxtrot* de passos longos e fluidos, geralmente em um ritmo de 4/4 que se abrigou, incluindo o xote, o baião, o arrasta-pé e o xaxado.

Se havia “forró”... Farra não faltava, ainda menos no Grande Hotel, onde os homens pela primeira vez pediam “whiskey on the rocks” e as moças saboreavam Coca-Cola e chocolate gelado, as grandes novidades. O Grande Hotel, frente à Praça José da Penha, a da Igreja do Bom Jesus

das Dores, tinha 108 quartos distribuídos em três andares, também restaurante, um bar que era “o point” para ver e ser visto, duas lojas caras e salão de visitas; era o melhor, não tinha concorrência. Aí dormiu o rei Faisal Al Saud, da Arábia Saudita, na noite do 28 de setembro de 1943, quando visitou a cidade e a Base a convite dos americanos – Faisal seria assassinado anos mais tarde por apoiar a causa palestina mediante embargos de petróleo contra países aliados de Israel – e diariamente se hospedavam militares de alta patente, tanto americanos como brasileiros e os famosos de Hollywood que passaram por Natal (o Grande Hotel fechou em 1987, não havia mais guerra, acabaram os dólares e os gringos tinham partido havia décadas...).

AH

PROF. VÍTOR SOARES EXPLICA



Tropas do Exército chileno posicionadas no telhado do Palácio de La Moneda, em 11 de setembro de 1973



O presidente Salvador Allende, que morreu no ataque ao palácio



O OUTRO 11 DE SETEMBRO

Quando falamos em 11 de setembro, o imaginário global costuma nos levar de imediato ao ataque às Torres Gêmeas em Nova York, em 2001. Mas para a América Latina, e especialmente para o Chile, essa data marca outro acontecimento trágico: o golpe militar de 1973, que derrubou o presidente Salvador Allende e instaurou uma das ditaduras mais sangrentas do continente.

O Chile, nos anos 1960, vivia uma democracia sólida para os padrões da região, mas também carregava enormes desigualdades sociais. O governo de Eduardo Frei (1964-1970) havia ensaiado algumas reformas, como a “chilenização” do cobre, mas elas foram insuficientes para transformar a vida das camadas populares. Nesse cenário de po-

larização, Salvador Allende, médico e militante socialista, conseguiu vencer as eleições de 1970 com a coalizão Unidade Popular. Sua vitória foi histórica: era a primeira vez que um marxista chegava ao poder pela via democrática no Ocidente.

Allende acreditava em uma experiência inédita, batizada de “Via Chilena ao Socialismo”: construir uma sociedade socialista sem recorrer à luta armada, mas respeitando as instituições e a democracia. Seu governo iniciou profundas mudanças: nacionalizou o cobre, maior riqueza do país, então controlado por empresas norte-americanas; promoveu reforma agrária; ampliou o acesso à saúde e à educação. No início, essas medidas geraram entusiasmo, salários aumentaram e os trabalhadores sentiram que



tinham conquistado espaço no cenário político.

Mas os ventos começaram a soprar contra. O preço internacional do cobre caiu, a inflação disparou e o desabastecimento cresceu. O Chile se tornou um país cada vez mais dividido: de um lado, sindicatos, estudantes e camponeses apoiando o governo; de outro, a elite econômica, setores da classe média e grande parte da imprensa alarmados com as reformas. Nesse clima de instabilidade, os Estados Unidos entraram em cena. Temendo outra “Cuba” no continente, o governo de Richard Nixon e seu conselheiro Henry Kissinger investiram milhões de dólares em propaganda contra Allende, no financiamento de greves – como a dos caminhoneiros – e no apoio às forças opositoras. O objetivo era claro:

tornar o país “ingovernável” e abrir caminho para a queda do presidente.

Na manhã de 11 de setembro de 1973, os militares liderados pelo general Augusto Pinochet cercaram o Palácio de La Moneda. Caças bombardearam o prédio presidencial, enquanto Salvador Allende fazia seu último discurso no rádio, reafirmando que não renunciaria ao mandato concedido pelo povo. Horas depois, cercado e sem saída, Allende se suicidou. O general que até pouco tempo parecia leal à Constituição se revelava o líder do golpe.

O que veio a seguir foi um período de terror. Congressos e partidos foram dissolvidos, milhares de opositores presos, muitos deles torturados em centros de detenção como o Estádio Nacional. Estima-se que mais de 3 mil pessoas tenham sido mortas ou desaparecidas e outras dezenas de milhares obrigadas ao exílio. A ditadura de Pinochet duraria até 1990, implantando um regime de repressão violenta e, ao mesmo tempo, servindo como laboratório de políticas econômicas neoliberais que deixariam marcas profundas na sociedade chilena.

A MEMÓRIA NO CHILE DE HOJE

Com o fim da ditadura, o Chile passou a lidar com o legado de violência e dor por meio de comissões da verdade, como o Informe Rettig (1991) e o Informe Valech (2004), que documentaram mortes, desaparecimentos e torturas. A construção de espaços como o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, inaugurado em 2010, ou a preservação de locais de repressão como o “Londres 38”, mostram o esforço do país em manter viva a lembrança das vítimas.

Mesmo assim, o debate sobre esse passado continua atual. Setores da extrema-direita ainda defendem o legado econômico da ditadura, enquanto governos progressistas, como o de Gabriel Boric, reforçam a importância da memória, da verdade e da justiça. Cinquenta anos depois, o 11 de setembro segue sendo uma ferida aberta, mas também uma advertência: a democracia, por mais sólida que pareça, nunca está garantida.

VITOR SOARES É PROFESSOR DE HISTÓRIA, AUTOR DE LIVRO E APRESENTA O PODCAST *HISTÓRIA EM MEIA HORA*



A FUN WORLD, DIV. - EASTER UNLIMITED, INC. É DONA DA
PROPRIEDADE DA MÁSCARA FACIL DE GHOST.
O USO DESTA IMAGEM FOI FEITO VIA GETTYIMAGES

PÂNICO: O LEGADO DO GRITO



POR PADRAIC MARONEY

Em meados da década de 1990, os filmes de terror estavam em decadência. O gênero que floresceu por décadas passava por uma crise de identidade enquanto lutava para descobrir o que o público queria ver. Historicamente, a popularidade do gênero terror tem sido cíclica. Passa por marés altas e baixas ocasionais à medida que o tipo de horror que as pessoas desejam ver muda.

Na década de 1930, os Monstros da Universal estavam na moda. Drácula, Frankenstein e a Múmia aterrorizaram os cinemas ao longo daquela década. Nos anos 1950 e 1960, criaturas menos humanas, como Tarântula (*Tarantula!*, 1955) e A Bolha Assassina (*The Blob*, 1958), tomaram esse lugar, misturando terror com ficção científica ao refletir os temas políticos da época e o medo das armas nucleares.

Em 1978, surgiu o filme que ajudou a popularizar um subgênero relativamente novo: o *slasher*. Os *slashers* tendem a ser definidos por um assassino (em geral, escondido por uma máscara) que mata um grupo de pessoas (em geral, com objetos afiados e pontiagudos). Muitas das produções giram mais em torno dos antagonistas do que dos protagonistas, com os

vilões ganhando tantos fãs quanto os próprios filmes. Os primeiros *slashers*, *Psicose* (*Psycho*, 1960) e *A Tortura do Medo* (*Peeping Tom*, 1960), são da década anterior, mas foi *Halloween* — *A Noite do Terror* (*Halloween*, 1978) o criador da mania que tomaria conta da década seguinte. O filme inaugurou o reinado de Jamie Lee Curtis como a Rainha do Grito, título que parecia destinada a ganhar como a filha da estrela de *Psicose* Janet Leigh, e foi o começo de uma franquia de sucesso, que inclui quase uma dúzia de sequências e um par de *reboots* centrados no assassino em série Michael Myers. Curtis ganhou a coroa ao estrelar uma série de filmes clássicos de terror entre 1978 e 1981.

Apesar de terem uma base de fãs dedicada e voraz, os filmes de terror raramente são respeitados. Em vez disso, muitas vezes são vistos como entretenimento descartável que nem sempre envolve qualidade, seja na frente das câmeras ou por trás delas. No entanto, Hollywood adora o fato de que é possível produzir filmes de terror com um orçamento relativamente baixo, sem contratar atores conhecidos, e, portanto, com muito mais chances de gerar lucro para os produtores, qualquer que seja a qualidade. E a verdade é que *Halloween* se destacou como um dos filmes independentes mais lucrativos em décadas.

Após o sucesso dessa produção, outro ícone

1931



Drácula

1955



Tarântula

1958



A Bolha Assassina

1960



Psicose

1978



A Noite do Terror

do terror surgiu com Jason Voorhees, em *Sexta-Feira 13* (*Friday the 13th*, 1980). A década de 1980 também deu origem a Freddy Krueger, em *A Hora do Pesadelo* (*A Nightmare on Elm Street*, 1984), com Krueger, Voorhees e Michael Myers reinando ao longo da década e se tornando a versão moderna dos Monstros da Universal. Juntaram-se a eles os ícones de terror secundários Pinhead, de *Hellraiser — Renascido do Inferno* (*Hellraiser*, 1987), e Chucky, de *Brinquedo Assassino* (*Child's Play*, 1988).

Por fim, o público se cansou dos vilões impossíveis de matar dos *slashers* dos anos 1980. Ver o mesmo bicho-papão ser morto e depois ressuscitar sem dificuldades na sequência se tornou redundante. Os espectadores então se voltaram para os *thrillers* como *A Mão Que Balança o Berço* (*The Hand That Rocks the Cradle*, 1992) e *Instinto Selvagem* (*Basic Instinct*, 1992) em busca de sustos, embora com bem menos sangue. Em um esforço para extrair todo o dinheiro possível das franquias, os estúdios de cinema planejaram a morte cinematográfica de Jason e Freddy quando a década de 1990 começou.

HISTÓRIA DE TERROR EM PALM SPRINGS

Em 1994, o diretor de *A Hora do Pesadelo*, Wes Craven, voltou à franquia que havia criado para oferecer uma versão metalinguística do gênero

slasher em *O Novo Pesadelo — O Retorno de Freddy Krueger* (*Wes Craven's New Nightmare*, 1994). Muitos atores do filme original voltaram a interpretar versões fictícias de si mesmos, embora ainda lutassem contra Freddy Krueger. Ironicamente, o filme foi bem recebido pela crítica, mas não conquistou o público, arrecadando apenas 18 milhões de dólares nas bilheterias, quase metade do faturamento doméstico de seu antecessor, *A Hora do Pesadelo 6 — Pesadelo Final: a Morte de Freddy* (*Freddy's Dead: the Final Nightmare*, 1991) apenas três anos antes.

Enquanto isso, um jovem roteirista desconhecido, Kevin Williamson, estava trabalhando em um roteiro que acabaria ajudando a revitalizar o gênero e levá-lo a novos patamares. As origens de *Pânico* (*Scream*, 1996) se deram quando Williamson escreveu uma peça de um único ato na faculdade sobre uma garota que um interlocutor desconhecido provocava ao telefone.

Williamson cresceu na Carolina do Norte idolatrando Steven Spielberg. Escreveu e filmou suas próprias produções desde cedo, mas fez uma pausa na escrita ao conseguir uma bolsa de estudos em artes cênicas na Universidade de East Carolina (ECU). Formado, mudou-se para Los Angeles, matriculou-se em um curso de roteiro na UCLA e voltou a escrever. Seu primeiro roteiro, *Tentação Fatal* (*Killing Mrs.* ►



1980

1984

1987

1988

1996



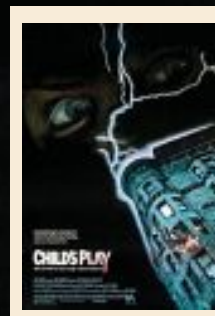
Sexta-Feira 13



A Hora do Pesadelo



Renascido do Inferno



Brinquedo Assassino



Pânico

Tingle), inspirado por uma professora do autor que, no ensino médio, disse que ele nunca conseguiria viver da escrita, foi vendido para a Focus Features, mas acabou abandonado enquanto estava sendo desenvolvido.

Williamson estava assistindo a um episódio de 1994 de *Turning Point*, programa jornalístico da ABC, no qual era retratado o assassino em série Daniel Rolling, que ganhou o apelido de Estripador de Gainesville depois de matar cinco estudantes universitários (quatro mulheres e um homem) ao longo de quatro dias naquela cidade do norte da Flórida.

Segundo a história, Williamson estava quase sem dinheiro ao escrever o roteiro original de *Pânico* enquanto estava hospedado na casa de um amigo em Palm Springs. Ele ficou tão impressionado com o programa de TV que ligou para um amigo, e os dois começaram a fazer perguntas um para o outro sobre filmes clássicos de terror, ao mesmo tempo que o roteirista vasculhava a casa à procura de um possível invasor.

“Eu estava cada vez mais apavorado. Estava morrendo de medo. Durante o intervalo comercial, ouvi um barulho e tive que vasculhar a casa toda. Entrei na sala de estar e tinha uma janela aberta”, contou Williamson à CNN, em 1998. “Fazia dois dias que eu estava naquela casa. Nunca tinha visto a janela aberta. Então fiquei com

muito medo. Aí fui para a cozinha, peguei uma faca de açougueiro e o celular.”

Ainda assustado e tendo pesadelos quando foi para a cama, Williamson acordou cedo e, baseando-se naquela peça que havia escrito na faculdade, começou a escrever a cena de abertura de um filme de terror com um grupo de personagens que tinham visto os mesmos filmes do gênero que o público vira. Esses personagens eram informados o bastante para conhecer muitas das características do cinema de terror e precisariam usar esse conhecimento para levar a melhor sobre o assassino que os perseguia. Williamson escreveu um filme de terror ao qual gostaria de assistir. Levou apenas um fim de semana para criar o roteiro, ao qual deu o título *Scary Movie*, ou *Filme de Terror*.

“Fica claro que Kevin é um estudioso de filmes de terror, um fã do gênero, e faz as mesmas perguntas que descobriu que milhões de pessoas fazem, tipo: ‘Por que você entrou naquela sala?’, ‘Por que você fez isso?’, ‘Por que fez aquilo?’”, diz Jamie Kennedy, que interpretaria o *geek* Randy Meeks na trilogia original. “Acho que ele deve ser cinéfilo. Em se tratando de filmes de terror, é óbvio que ele sabe do que está falando, aposto que você [Kevin] consegue fazer muitos filmes. Mas com certeza conhece esse gênero como ninguém.” **AH**



O autor Padraic Maroney



O TRECHO
ACIMA FOI
TIRADO DO
LIVRO PÂNICO:
O LEGADO DO
GRITO, ESCRITO
POR PADRAIC
MARONEY E
PUBLICADO
NO BRASIL
PELA DARKSIDE
BOOKS.

ines249



OBRIGADA!

*Você ajudou a mudar a vida dessas pessoas na primeira fase da campanha, que arrecadou **100 cisternas**.*

Agora, nosso objetivo é entregar

MAIS 100 CISTERNAS

*para que essas famílias tenham acesso ao básico, **ÁGUA**.*



**Acesse, doe e
faça diferença
no mundo!**

visaomundial.org.br/sertao

Ou aponte a
câmera do seu
celular para o
QR code ao lado



Veja no link o documentário completo que destaca a **resiliência das mulheres diante da escassez de água** e o início das entregas da primeira fase.

**MULHERES NO SERTÃO
A FORÇA QUE
SUPERA A SECA**



UMA CAMPANHA DE



Visão Mundial



A HISTÓRIA DA POLÍCIA NO BRASIL



Um policial militar do século 19

Muito além do uniforme e da farda, a polícia brasileira carrega em sua origem a marca do poder. De instrumento da Coroa portuguesa a braço armado de ditaduras, sua história é marcada por transformações, contradições e disputas. Afinal, a quem a polícia serve?

ANTES DA FARDA:

O CONTROLE NA COLÔNIA

No Brasil colonial, ainda não existia uma instituição policial como conhecemos hoje. A disciplina social era imposta por figuras como almotacés, capitães do mato e juizes ordinários, todos subordinados à lógica do absolutismo português. Nessa época, “polícia” era qualquer ação do poder público voltada à manutenção da ordem, sem separar funções administrativas, judiciais ou repressivas. A vigilância era difusa, mas presente, principalmente contra escravizados, marginais e “desordeiros”.

1808:

O NASCIMENTO DA POLÍCIA BRASILEIRA

Com a chegada da família real ao Rio de Janeiro, em 1808, a necessidade de controle urbano aumentou. A cidade crescia rapidamente, junto com os problemas: violência, contrabando, tráfico de escravizados, dentre outros. Para conter o caos, dom João VI criou a Intendência Geral de Polícia, inspirada no modelo francês. Paulo Fernandes Viana foi o primeiro intendente, responsável por tudo: da repressão à censura de livros. Pouco depois, surgiu a Guarda Real da Polícia, com 218 homens fardados para proteger a família real e reprimir o povo. O intendente concentrava tanto poder que nem uma sentença judicial poderia libertar um preso sem seu consentimento. Esse modelo só começou a ser desmontado com d. Pedro I, que proibiu prisões ilegais e reduziu os abusos da Intendência.

ORGANIZAÇÃO E HIERARQUIA:

AS REFORMAS DO IMPÉRIO

Com o avanço do século XIX, o Império passou a criar estruturas. Em 1832, o Código de Processo Criminal deu aos juizes de direito o cargo de chefes de polícia nas cidades mais populosas. Aos poucos, surgiram os cargos de delegados, subdelegados, inspetores de quartelão, além da Guarda Nacional, força de apoio para conter revoltas.

Em 1841, uma nova reorganização deu à polícia estrutura hierárquica clara e definiu pela primeira vez a separação entre polícia administrativa (manutenção da ordem) e judiciária (investigação). Também ganhou destaque o uso de perícia criminal, um avanço inédito para a época.

REPRESSÃO COMO REGRA: A POLÍCIA NO IMPÉRIO

Apesar das reformas, a polícia não ganhou caráter democrático. Ao contrário, tornou-se um instrumento do Estado para conter revoltas e proteger o regime imperial. Surgiram as Guardas Municipais Permanentes, antecessoras das Polícias Militares, com doutrina e formação militar.

Como observa o historiador José Murilo de Carvalho, a polícia agia como intermediária entre o poder central e os conflitos sociais, sempre a serviço das elites.

REPÚBLICA: AUTONOMIA E VIOLÊNCIA POLICIAL

Com a Proclamação da República, em 1889, cada estado passou a ter sua própria força policial. Essa descentralização, porém, gerou corporações politizadas, usadas como braços armados das oligarquias regionais durante a Primeira República (1889-1930).

Na prática, a polícia se transformou em milícia de governadores. A repressão continuava, e a população, especialmente a pobre e negra, seguia alvo preferencial do controle estatal.

DITADURA E TERROR DE ESTADO

Durante o Estado Novo (1937-1945), Getúlio Vargas centralizou a repressão com o temido DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), que perseguiu opositores, censurou imprensa e consolidou a lógica do “inimigo interno”. Essa mentalidade se aprofundou com o golpe militar de 1964. Sob o manto da Doutrina de Segurança Nacional, as polícias Civil e Militar se alinharam ao Exército, atuando com brutalidade para reprimir manifestações e torturar dissidentes. Órgãos como o DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) e o próprio DOPS se tornaram sinônimos de terror de Estado.

CONSTITUIÇÃO DE 1988: NOVA MISSÃO, VELHOS PROBLEMAS

A redemocratização trouxe esperança. A Constituição de 1988 redefiniu a segurança pública como dever do Estado e direito de todos. O artigo 144 estabeleceu as funções das polícias: a Federal para crimes interestaduais, a Civil para investigação e a Militar para policiamento ostensivo. No papel, o foco passou a ser a proteção de direitos. Mas a prática seguiu marcada pela violência policial, falta de controle externo, militarização excessiva e forte desigualdade racial. Jovens negros e periféricos continuam entre os principais alvos da repressão.

O FUTURO ESTÁ EM DISPUTA

A história da polícia no Brasil é marcada por ambiguidades: proteger ou reprimir? Servir à lei ou ao poder? Apesar das resistências, há sinais de mudança. A sociedade civil pressiona por uma nova cultura de segurança, com foco em prevenção, respeito aos direitos humanos e diálogo com as comunidades. Mas transformar a polícia exige mais que decretos. Depende de vontade política, pressão social e compromisso democrático.

A evolução da polícia brasileira, assim, continua em curso. A história mostra que suas transformações não ocorrem apenas por decreto, mas sim pela luta social, pela pressão popular e pelo amadurecimento democrático. De guardiões do rei a agentes da lei, resta saber: de qual lado da história a polícia brasileira deseja estar?



Policiais do DOI-CODI, durante a ditadura

ROSELLE ADRIANE SOGLIO É ADVOGADA CRIMINALISTA, ESPECIALISTA EM PERÍCIAS CRIMINAIS. MESTRE E DOUTORA EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA PELA PUC/SP, PROFESSORA DE DIREITO PROCESSUAL PENAL, DIREITO PENAL, MEDICINA LEGAL, CRIMINALÍSTICA E CRIMINOLOGIA. VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS CRIMINAIS- ABCRIM.



A BOMBA, A GUERRA FRIA E AS GUERRAS DO PRESENTE

Querido(a) leitor, a capa desta edição remete aos 80 anos do fim definitivo de um dos eventos mais importantes, senão o mais importante, da história humana: o encerramento da Segunda Guerra Mundial que, assim como uma verdadeira ópera, teve um final tão dramático quanto seu início, com o lançamento de duas bombas atômicas sobre o arquipélago japonês.

Para aprofundar o tema deste mês, trilharei um caminho que você, fiel seguidor(a) desta coluna, já conhece bem: recorrer a uma de minhas grandes paixões, o cinema. No caso específico, quero falar sobre um documentário lançado pela Netflix no ano passado, chamado *Ponto de Virada: A Bomba e a Guerra Fria*.

Mais do que uma simples crítica cinematográfica, quero usar esta obra como o pano de fundo para analisar o impacto da maior guerra que a humanidade já viu, e dos eventos geopolíticos que dela derivaram – e que, acredite, afetam sua vida até hoje. Como um “spoiler” do que está por vir, posso lhe dizer que as raízes das atuais contendas, sejam elas militares ou tarifárias, e da cruzada contra novos arranjos econômicos globais se encontram, precisamente, no lançamento daquelas bombas e no conse-

quente fim do conflito em 2 de setembro de 1945.

A série documental não surgiu no vácuo, foi lançada no rastro do sucesso estrondoso de *Oppenheimer* (2023), que varreu cinemas e premiações. Além de toda a análise da geopolítica pós-1945, ela termina com uma crítica contundente aos atuais conflitos, traçando uma linha direta entre as cinzas da Guerra Fria e as chamas de hoje, com destaque para a Guerra Russo-Ucraniana (2022-).

Ao mesmo tempo, a obra dedica-se a uma análise igualmente rigorosa da política externa estadunidense no pós-Segunda Guerra. Como mencionado na coluna sobre os 80 anos do Dia VE, a herança de 1945 injetou nos EUA uma autoconfiança que os levaria a atoleiros como o Vietnã, transformando para sempre sua própria sociedade.

A Segunda Guerra Mundial foi o evento que deu aos norte-americanos o status de superpotência global. Embora sua economia já fosse a maior do mundo desde aproximadamente 1890, foi o esforço de guerra – juntamente com as enormes somas adquiridas coletando empréstimos e recebendo “reparações” – que os tirou em definitivo da Grande Depressão e os deixou, ao final do conflito, como a única potência atômica de então. Contudo, o fato

de serem, até hoje, os únicos a terem utilizado tal armamento em combate é um fardo pesado, afinal, foi este o ato inaugural da corrida nuclear.

Não entraremos nos pormenores do “jogo de espões” que permitiu a outras sociedades desenvolverem seus arsenais de destruição em massa, mas é crucial entender um ponto: quando rivais e, principalmente, aliados também adquiriram a bomba, criou-se um paradoxo. O mundo tornou-se infinitamente mais perigoso, mas, ao mesmo tempo, estabeleceu-se uma macabra estabilidade sob a doutrina da “destruição mútua assegurada”. Foi a era da Détente, uma paz tensa, mantida sob a ameaça constante que, de certo modo, perdura até hoje na forma da dissuasão nuclear.

O documentário da Netflix explora com maestria as origens desse dilema, desde os primeiros estudos nazistas, passando pela famosa carta de Einstein a Roosevelt, até a criação do colossal Projeto Manhattan e o lançamento das bombas. Todavia, seu maior mérito é mostrar como os problemas que enfrentamos hoje são, em grande parte, heranças mal resolvidas da Guerra Fria. Como já refletimos algumas vezes neste espaço, o fim desta debacle ideológica foi atípico: a União Soviética não foi derrotada em batalha, mas implodiu política e economicamente.

Contudo, para além dos EUA, quem observou esse esfacelamento com mais atenção foi a China. Pequim analisou à exaustão os dois erros fatais de Moscou. O primeiro, a erosão da coesão social, que ocorreu quando o ideal do “cidadão soviético” se fragmentou em múltiplas identidades nacionais (russos, ucranianos, poloneses etc.). O segundo, e mais crítico, foi a (caótica) tentativa de Gorbachev de promover uma abertura econômica (Perestroika) em paralelo a uma abertura política (Glasnost), o que minou a estabilidade do regime. Concorde ou não – não se trata de juízo de valor – o Partido Comunista Chinês aprendeu a lição: abraçou a primeira para enri-

quecer a nação e nulificou qualquer vestígio da segunda para manter o controle absoluto.

Ademais, e aqui reside uma lição histórica fundamental: enquanto grandes mudanças geopolíticas podem ocorrer sem conflitos diretos, a queda de impérios, invariavelmente, é selada por guerras. Senão por um único golpe fatal, pelo desgaste de múltiplos enfrentamentos. A história, nesse sentido, se repetiria de forma cruel: o mesmo Afeganistão que se provou um cemitério para os soviéticos se tornaria, junto com o Iraque, o palco onde os norte-americanos experimentariam a mesma lição de impérios passados – um sangradouro de recursos, vidas e, acima de tudo, prestígio.

Chegamos assim aos embates do presente. Após décadas de conflitos, a sociedade estadunidense dá sinais de exaustão. É nesse contexto de um império desgastado que surgem as tentativas de reafirmar

uma supremacia que já não é mais inquestionável. As atuais disputas comerciais e a pressão sobre o sistema financeiro global são, portanto, uma tentativa de forçar o mundo a regressar a um arranjo geopolítico de uma ordem que já não encontra eco na nova realidade multipolar.

*Frase de destaque:
A bomba pôs fim
a uma guerra, mas
semeou os conflitos de
toda uma nova era*

Toda a primazia e a prosperidade do século XX tinham um custo altíssimo: um estado de prontidão militar e intervenções constantes. O paradoxo é que foram esses mesmos enfrentamentos – travados para proteger o sistema – que, lentamente, corroeram suas bases por dentro. O resultado é o dilema atual: uma nação que sente falta da bonança do passado, mas que foi desgastada e empobrecida justamente pelas guerras que travou para mantê-la.

A bomba atômica pôde, de fato, colocar um fim à Segunda Guerra Mundial, mas a ilusão de que tal poder poderia resolver todas as contendas futuras foi o grande erro estratégico da era que se seguiu. O resultado é o mundo em que vivemos, onde as velhas feridas continuam a gerar as guerras do presente – e, muito provavelmente, as do futuro.

JUSCELINO KUBITSCHKE

POR GIOVANNA GOMES

Juscelino Kubitschek de Oliveira nasceu em Diamantina (MG) em 12 de setembro de 1902. Filho de João César de Oliveira e Júlia Kubitschek, iniciou os estudos em seminário em 1914, mas abandonou a vida religiosa ao perceber que não tinha vocação. Mais tarde, trabalhou como telegrafista e, em 1927, formou-se médico pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Especializou-se em urologia em Paris e, de volta ao Brasil, consolidou carreira como cirurgião. Em dezembro de 1931, casou-se com Sara Gomes de Lemos.

Seu ingresso na política ocorreu em 1933, quando foi convidado por Benedito Valadares para chefiar o Gabinete Civil. No ano seguinte, filiou-se ao Partido Progressista e foi eleito deputado federal. Com o golpe de 1937, perdeu o mandato e retornou à medicina, mas logo voltou à vida pública. Em 1940, assumiu a prefeitura de Belo Horizonte, onde promoveu grandes obras de infraestrutura e urbanização, incluindo o conjunto arquitetônico da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer.

Com a redemocratização de 1945, participou da fundação do PSD e foi eleito deputado constituinte. Em 1950, conquistou o governo de Minas Gerais, adotando como prioridade o desenvolvimento industrial baseado no binômio energia e transporte. Sua projeção política o levou naturalmente à disputa presidencial de 1955. Mesmo enfrentando resistências militares e da UDN, venceu as eleições e assumiu em 1956.

50 ANOS EM 5

Na presidência, lançou o ousado Programa de Metas, sintetizado no lema “50 anos em 5”, que buscava acelerar a industrialização e modernizar o Brasil. Atraindo capitais estrangeiros, incentivou a instalação de grandes indústrias,

principalmente automobilísticas, e expandiu a infraestrutura energética e de transportes. O ponto alto de sua gestão foi a construção de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960. Mas, apesar do crescimento, seu governo também enfrentou críticas pelo aumento da dívida externa e da inflação. Após deixar a presidência em 1961, elegeu-se senador por Goiás, porém, com o golpe militar de 1964, teve seus direitos políticos cassados.

EXÍLIO

Optando pelo exílio, Juscelino Kubitschek partiu para a Europa, permanecendo por um longo período entre a França e Portugal, até regressar ao Brasil em 4 de outubro de 1965. Seu retorno, feito em desacordo com a direção do PSD, foi marcado por uma calorosa manifestação de seus correligionários.

Entretanto, diante da sequência de inquéritos policiais-militares aos quais foi convocado para depor, decidiu novamente deixar o país. Só retornaria em junho de 1966, autorizado pelo governo a permanecer por apenas 72 horas para acompanhar os funerais de sua irmã. No mês de setembro daquele mesmo ano, a imprensa anunciou a formação da Frente Ampla, movimento político que reunia Carlos Lacerda, principal articulador, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Em 1967, no mês de maio, JK retornou definitivamente ao Brasil e fixou residência no Rio de Janeiro. O cenário político, no entanto, tornou-se cada vez mais rígido e, em 5 de abril de 1968, o governo extinguiu a Frente Ampla. Com o fim do movimento, Juscelino afastou-se definitivamente da vida pública, mantendo-se ativo no meio intelectual e empresarial até sua morte em um acidente automobilístico, em 22 de agosto de 1976, na Via Dutra. Em 1980, foi inaugurado, em sua homenagem, em Brasília, o Memorial JK, projetado por Niemeyer.



Posse de Juscelino
Kubitschek como
presidente da República e
de João Goulart como
vice, em 1956.

NOS AJUDE A PROTEGER A VIDA



#JuntosÉpossível
doe.wwf.org.br

O WWF-Brasil desenvolve, há mais de 23 anos, projetos e iniciativas de conservação do meio ambiente para que a sociedade brasileira conviva em harmonia com a natureza, em benefício das gerações atual e futura.

wwf.org.br

SIGA NOSSAS REDES
WWF-Brasil

